

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

PATRICIA FABIOLA SCANDOLARA

**CARTOGRAFIAS RIZOMÁTICAS ENTRE *CIBERATIVISMO E*
GRÊMIO ESTUDANTIL**

**FLORIANÓPOLIS/SC
2014**

PATRICIA FABIOLA SCANDOLARA

**CARTOGRAFIAS RIZOMÁTICAS ENTRE *CIBERATIVISMO E*
GRÊMIO ESTUDANTIL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação - Área de Concentração: Educação, Comunicação e tecnologia.

Orientadora:

Professora Dr.^a. Geovana Mendonça
Lunardi Mendes

**FLORIANÓPOLIS/SC
2014**

S283c Scandolara, Patrícia Fabiola

Cartografias rizomáticas entre ciberativismo e grêmio
estudantil/ Patrícia Fabiola Scandolara. - 2014.

93 p. : Il. color. ; 21 cm

Orientadora: Prof. Dr^a. Geovana Mendonça Lunardi Mendes

Bibliografia: p. 111-121

Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado
em Educação, 2014.

1. Movimentos sociais contemporâneos. 2. Grêmio
estudantil. 3. Ciberativismo. I. Mendes, Geovana Mendonça
Lunardi. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. III.
Título.

CDD: 303.484 - 20.ed.

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

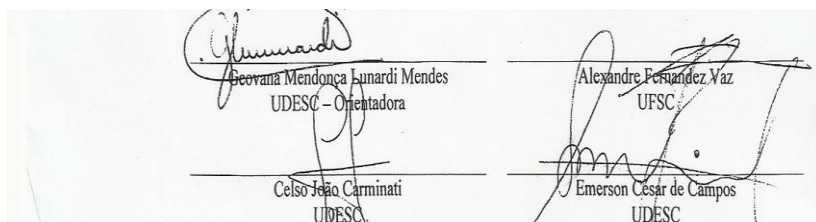
PATRICIA FABIOLA SCANDOLARA

CARTOGRAFIAS RIZOMÁTICAS ENTRE *CIBERATIVISMO* E GRÊMIO ESTUDANTIL. Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Orientadora:

Membros:



Geovana Mendonça Lunardi Mendes
UDESC – Orientadora

Celso João Carminati
UDESC

Alexandre Fernandez Vaz
UFSC

Emerson César de Campos
UDESC

Florianópolis, 10/03/2014



Fonte: <http://obviousmag.org/> - Escultura Humana de Antony Gormley

À Divina Vida!

Faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Nunca ideias justas, justo uma ideia (Godard). Tenha ideias curtas. Faça mapas, nunca fotos nem desenhos. Seja a pantera cor-de-rosa e que vossos amores sejam como a vespa e a orquídea, o gato e o babuíno.

Deleuze e Guattari

AGRADECIMENTOS

Lembrando que a vida é feita de escolhas e lembrar-se de algo é esquecer algo. Agradeço a minha primeira e mais importante professora, Clarisse, minha mãe. Companheira incansável nos meus infortúnios e alegrias, por ter sido a segunda mãe de minha filha possibilitando que eu seguisse com meus estudos concluindo a graduação.

Á minha filha Marina, por ensinar-me a amar e desejar ir além.

Ao meu parceiro Thiago, por ser testemunha de minha existência, alcançando e compartilhando seus/meus desejos e anseios mais profundos.

Aos professores e escritores que de alguma forma me conduziram até aqui.

Se o escritor é um feiticeiro é porque escrever é um dever, escrever é atravessado por estranhos devires.

Deleuze e Guattari

Que pena dos livros que nos enchem as mãos de rosas e de estrelas e lentamente passam!

Federico García Lorca

RESUMO

SCANDOLARA, Patricia Fabiola. Cartografias Rizomáticas entre *Ciberativismo* e Grêmio Estudantil. 2014. 93f. (Mestrado em Educação – Área: Educação, Comunicação e Tecnologia) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

As maneiras de interação com o mundo, as percepções que permeiam o eu e o outro, e os modos como orientamos nossas práticas, encontram-se em constante e irrefreável mutação diante das múltiplas formas de comunicação sensorial existentes na contemporaneidade. Os processos sociais, a partir desta perspectiva, complexificam-se ainda mais, acelerados e invadidos por um turbilhão de informações e espaços para encontrá-las, tensionando e despertando a necessidade de pertencimento as realidades virtuais, assim como olhares reflexivos sobre tal fenômeno. Esta pesquisa foi elaborada no âmbito dos estudos do ciberespaço e tem como base metodológica um estudo etnográfico na perspectiva de uma etnografia do ciberespaço, tomando como lócus a página virtual do Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina denominada *Resistência*. Tendo como objetivo principal reflexões sobre os movimentos sociais contemporâneos, *ciberativismos* e os processos pelos quais estes se interconectam ao Grêmio Estudantil em rede. Dentre as reflexões empreendidas aponta-se o Grêmio Estudantil *Resistência* com as possibilidades de se interconectar em rede virtual com atores diversos oriundos de movimentos sociais. Onde o ciberespaço enquanto arena relacional se torna lugar profícuo para os estudantes exercitarem experiências referentes à atuação social e política e pode funcionar como local potencializador e possibilitador de experiências participativas de largo alcance.

Palavras-chave: Grêmio Estudantil. *Ciberativismo*. Movimentos Sociais Contemporâneos. Rizoma.

ABSTRACT

SCANDOLARA, Patricia Fabiola. Rhizomatic Mappings Between Cyberactivism and Student-Body. 2014. 93f. (Mestrado em Educação – Área: História e Historiografia da Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

The ways of interacting with the world , the perceptions that underlie self and other , and the ways in which we orient our practices are constantly changing and unstoppable on the multiple forms of sensory communication existing in contemporaneity . Social processes , from this perspective, we complicate further, accelerated and invaded by a whirlwind of information spaces and to find them , tensing and raising the need of belonging virtual realities , as well as reflective of this phenomenon looks. This research was drawn from the studies of cyberspace and its methodological basis of an ethnographic study from the perspective of an ethnography of cyberspace, taking as the virtual page locus Sorority College Student Application of the Federal University of Santa Catarina called Resistance. Aiming main reflections on contemporary social movements, ciberativisms and the processes by which these are interconnected to the student-body network. Among the reflections undertaken pointing up the student-body resistance with the possibilities to interconnect virtual network with people from diverse actors of social movements. Where cyberspace while relational arena becomes fruitful place for students to exercise experiences related to social and political action and can function as an enhancer and enabler of location -reaching participatory experiences.

Keywords : Student-Body . Cyberactivism. Contemporary Social Movements. Rhizome.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Imagem da campanha utilizada pelo Grêmio Resistência.....	17
Figura 2- Coletivo Bandeira Negra.....	28
Figura 3- Chapa Resistência apoio ao MPL.....	28
Figura 4 - Foto da janela do Colégio de Aplicação.....	29
Figura 5- Manifestações em Prol da Educação.....	37
Figura 6- Convite para Passeata a Favor da Greve da Educação.....	38
Figura 7- Desalojamento de Famílias em São José –SC.....	41
Figura 8- Postagens MPL (Movimento pelo Passe Livre).....	43
Figura 9- Fotos Pré-Passeata e Passeata em Apoio à Greve da Educação.....	60
Quadro 10- Postagens Iniciais.....	64
Quadro 11- Postagens Finais.....	64
Figura 12- Postagens Resistência.....	69
Figura 13- <i>Ciberativismo</i> Ambiental.....	72
Figura 14- Postagem do Coletivo <i>Anonymus</i> na Página do <i>Resistência</i>	76
Figura 15- Postagens <i>Movimento</i> Estudantil Libertário.....	77

SUMÁRIO

Introduzindo um olhar investigativo.....	11
Platô 1: Vida é movimento.....	22
Platô 2: Cidadania e Guerrilha Cibernética.....	57
Conclusões Provisórias.....	81
Referências.....	85

Introduzindo um olhar investigativo

Existe a regra e existe a exceção, a cultura é a regra a arte é a exceção.

Jean-Luc Godard.

Minhas atividades como arte-educadora me colocam constantemente diante do estudo e observação das articulações possíveis entre tecnologia computacional e sensibilidade criativa, enquanto os contatos que fluem entre as ferramentas digitais e virtuais aguçam minha curiosidade e sensibilidade estética. Durante meu processo de trabalho pude captar o papel central que questões visuais e estéticas do mundo virtual adquiriram para a geração do século XXI, as inter-relações entre fontes, imagens, símbolos e sons são presenças constantes e fundamentais em suas navegações e produções. Tais circunstâncias colaboraram para a construção e idealização de meu projeto de pesquisa e meu ingresso no mestrado em Educação, consolidando meus interesses em relação à arte, comunicação, universos virtuais e juventude. Questões estudadas durante minha graduação em artes visuais e mais explicitamente a ousadia criativa e transgressora na criação de formas e na mestiçagem entre obra e público da *Cyberarte*, aceleraram meus processos de *linkagem* entre a arte-educação e a cibercultura.

O campo imagético flutuante da contemporaneidade, pela sua capacidade de criação e reprodução, contribui para o desbotamento do novo. As imagens em movimento, ao serem permanentemente substituídas, transportam a novidade para o fugidivo mundo do cotidiano. O desfalecimento do culto ao *novo*, a falta de finalidades concretas e o fim das utopias parece singularizar a contemporaneidade. Assim, a idéia do *novo* que as vanguardas artísticas e intelectuais apresentaram como um constante recomeçar resultante da transgressão e da ruptura, quando se instaura se transforma em tradição, perdendo energia e aura. O excesso de *ismos* vanguardistas durante o século passado apresenta uma expansão da estética que transpassa os limites instaurados pelas instituições e pela tradição. Questionadores constantes libertam a arte das amarras do sagrado, da imitação, das convenções acadêmicas, e dos valores morais e éticos, gerando desafios e transgressões que resultam na dessacralização da arte. A arte conceitual propõe uma rebelião. Valoriza o sentido em detrimento da forma ou o processo em detrimento do produto final. Questiona o espaço, a representação, contesta a tradicional contemplação, abrindo caminho para expressões que vão da

Land Art à *Arte Relacional* passando pela *Instalação* e *Vídeo Arte*. Apresentam a fluidez do tempo e a mutabilidade ininterrupta de tudo o que é da vida. Vida é movimento. Mas os movimentos parecem aleatórios, dispersos e sem direções específicas. A apropriação supera o novo, criando fissuras irreparáveis em pilares como a autenticidade e a autoria. A proliferação da narrativa não linear abre caminho a uma estética do sentido. Entendido como tempo e espaço de apropriação, de citação e de reciclagem, como simulacro, manipulação ou sabotagem, em que o **subversivo** (o que perturba a ordem estabelecida) substitui o **transgressivo** (a afronta direta).

A desgastada perspectiva de criar *novos* possíveis retorna com o virtual, atraindo e estimulando a criatividade. Um fato para muitos que se vêem fascinados por este vasto universo em desenvolvimento, definido por Gilles Deleuze e Félix Guattari como um crescimento incessante de redes rizomáticas, sem começo e nem fim, em um contínuo *intermezzo*, um *platô*¹, sempre um meio pelo qual cresce e transborda as múltiplas representações do real e da realidade virtual.

O rizoma é feito de platôs, conceito inspirado em G. Bateson que traduz o meio onde toda a multiplicidade é conectável por outros caules subterrâneos que formam e desenvolvem o Rizoma. Estas são zonas de intensidade, marcando um plano de imanência segundo seu valor em si. Elas só possuem um anseio, uma vontade: a do espaço, de se multiplicar nos agenciamentos de forma sempre criativa e, através de suas linhas de fuga, percorrerem o que os físicos quânticos denominam “túneis mecânico-quânticos” (MARIASCH. 2004, p. 3).

No rizoma as linhas de fuga e as possibilidades de conexões, mestiçagens e cortes são múltiplas e infinitas, estabelecendo novas formas de trânsitos possíveis por entre seus inúmeros *devires* que rompem com as estruturas hierárquicas e piramidais, aproximando-se da *transversalidade*.² Coletivos nômades e inexatos, onde nada é fixo, há

¹Gregory Bateson serve-se da palavra “platô” para designar algo muito especial:

²Conceito de Félix Guattari, “Transversalidade” em oposição a uma verticalidade e a uma horizontalidade. A noção de transversalidade aplicada ao paradigma rizomático seria a base da mobilidade por entre as redes rizomáticas.

apenas linhas e trajetórias múltiplas, uma circulação de estados que não remetem necessariamente a outra coisa, mas possibilitam conexões transversais entre os estados e níveis, sem centrá-los ou cercá-los. Atravessando-os, conectando-os em um entrelaçamento quebradiço de conectividades e velocidades variáveis, cuja combinação infinita não se pode prever ou organizar em sua totalidade. Revelam em sua própria trajetória, a heterogeneidade, a coexistência, as inter-relações e a importância relativa das diferentes linhas/fibras que compõem uma multiplicidade. Fundamentalmente o conceito de multiplicidade transpassa as oposições e dualismos entre Um/Múltiplo, natureza/cultura, realidade/ficção, corpo e alma, “não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco”. Oxigena o pensamento e questiona os pressupostos dominantes na filosofia e nas ciências modernas, a crença na verdade única, o modelo de reconhecimento e a pretensão de um fundamento, “não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria, não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças”. Assim, os conceitos para Deleuze e Guattari, não determinam o que é uma coisa, sua essência, mas suas circunstâncias, “qualquer esboço precário é melhor do que o decalque de conceitos com seus cortes e seus progressos que nada mudam. A imperceptível ruptura em vez do corte significante” (1995, p.36).

O rizoma definido pelos autores rege-se fundamentalmente pelos princípios de conexão e heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania. Em síntese os princípios de conexão e heterogeneidade caracterizam o rizoma como sistema não hierárquico, todos os pontos estão conectados e tem igual importância. O princípio da multiplicidade não apresenta uma unidade ou eixo centralizador, mas, multiplicidades de dimensão e natureza variáveis, “sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados”.

Eis nossa hipótese: uma multiplicidade se define, não pelos elementos que a compõem em extensão, nem pelas características que a compõem em compreensão, mas pelas linhas e dimensões que ela comporta em "intenção". Se você muda de dimensões, se você acrescenta ou corta algumas, você muda de multiplicidade. Onde a existência de uma borda de acordo com cada multiplicidade, que não é absolutamente um centro, mas é a linha

que envolve ou é a extrema dimensão em função da qual pode-se contar as outras, todas aquelas que constituem a matilha em tal momento; para além dela, a multiplicidade mudaria de natureza. (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p.23).

No conceito de ruptura assígnificante qualquer linha pode quebrar-se que logo outra ocupará o seu lugar com outra dimensão e outra natureza. A cartografia rizomática é um mapa flutuante com múltiplas entradas e saídas indefinidas, suas formas e conteúdos não se alteram de maneira pré-estabelecida, portanto não pode ser decalcado de qualquer outra estrutura, ou representar algo que existe já definido, “oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.32). Sendo assim o rizoma está em estado constante de construção e desconstrução.

Para os conhecidos como *idealistas da rede* (HEIM, 1999, p. 31), qualquer semelhança entre o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari e o mundo cibernético não é mera coincidência. Acreditam ser o ciberespaço também estruturado a partir de linhas e pontos interligados. E que os seus conteúdos compartilhados são de natureza diversa ou inexistentes, existindo a partir daí a multiplicidade sem unidade centralizadora proclamada por Deleuze e Guattari. Compartilham da idéia de que, apesar de algumas tentativas, não há ainda nenhum comando totalizador em sua estrutura que hierarquize suas interligações, e se isto viesse a acontecer, estaríamos na presença de uma doença que ataca os rizomas, que os autores denominam de Rizomatose. Sendo sua prevenção, a manutenção do nomadismo, fenômeno que para os idealistas também se concretiza na Internet. Gilles Deleuze e Félix Guattari são claramente contrários a lógicas rígidas e pré-definidas, porém, é precisamente a lógica binária de zero e um que define o processo computacional, sendo paradoxal concluir que a comunicação efetuada neste ambiente incorpora imagens, sons e textos derivados de universos diversos, não lineares, virais e descentrados. É aí que entra outra categoria de analistas da rede que Heim (1999, p.31) chama de *realistas ingênuos*, movidos pelo medo, principalmente o medo de que a internet se transforme no maior mecanismo de controle que o homem já experimentou em seus complexos jogos de poder, o medo de que o mesmo poder da elite que antes moveu átomos na

medida em que perseguiu uma ciência sem consciência, agora mova bits que governam o mundo computacional. Neste grupo encontra-se o fundador do *Wikileaks* Julian Assange, que em seu livro *Cypherpunks* declara que:

O mundo não está deslizando, mas avançando a passos largos na direção de uma nova distopia transnacional. Este fato não tem sido reconhecido de maneira adequada fora dos círculos de segurança nacional. Antes, tem sido encoberto pelo sigilo, pela complexidade e pela escala. A internet, nossa maior ferramenta de emancipação, está sendo transformada no mais perigoso facilitador do totalitarismo que já vimos. A internet é uma ameaça a civilização humana (2013, p.25).

Aqui caberia talvez uma alusão ao Grande Irmão do livro *1984* de George Orwell (1984). Coincidência ou não, o ano de 1984 é o ano em que a rede global de computadores é nomeada de Protocolo Internet. A Internet que tem sua origem como máquina de combate, um dispositivo utilizado para monitorar e controlar informações, acaba atravessada por estranhas desterritorializações que a transforma também em uma máquina de cooperação social, tornando-a para além de suas funções originais, um dispositivo de relações sociais de trocas de conhecimento e informações que transpassam os meios originais de transporte de dados científicos, financeiros e militares. Assim, o ano de 1984 pode ser compreendido como o ano do nascimento do *ciberespaço*, como um espaço virtual de trocas, ação coletiva, agrupamentos e produção simbólica de linguagens comuns, nomeado assim por Willian Gibson em sua obra *Neuromancer*, que data de 1984, e acaba se tornando uma metáfora da subjetivação da informação que se dá através da disseminação da Internet e dos grupos virtuais de discussão. E junto com o *ciberespaço*, também em 1984 surge o *ciberativismo*, que nomeia as ações consideradas coletivas e coordenadas por movimentos sociais através da comunicação distribuída em rede interativa e virtual.

Ainda em suas análises sobre a rede virtual, Heim (1999, p.31) percebe um grupo que classifica como dos *céticos*, que preferem abster-se de uma leitura apressada e incorreta, baseando seu ceticismo nas possíveis falhas das análises efetuadas pelos críticos das mídias anteriores (cinema, rádio, televisão, etc). O autor finaliza sua análise

afirmando que “Nenhuma dessas três posições nos ajuda a fazer sentido do que está acontecendo”, e propõe uma análise dialética, a partir do que chama de *realismo virtual*, que seria a mediação entre o *realismo ingênuo* e o *idealismo das redes*. “O realismo virtual vai ao encontro do destino sem ficar cego às perdas que o progresso traz. [...] Só assim se pode sustentar a oposição como a polaridade que continuamente produz faíscas do diálogo, e o diálogo é a vida do ciberespaço” (HEIM, 1999, p. 41).

Viver é um processo constante de transmutação, portanto, todas as tecnologias, sejam elas específicas para comunicação ou não, afetam as estruturas sociais e as subjetividades humanas. O fato é que o convite à participação interativa do leitor/produtor de texto, imagens e sons virtuais desloca os paradigmas tecnológicos anteriores e redefine as fronteiras da narratividade. A partir disto, o tempo vivido se apresenta pautado em estruturas fluídas e mutáveis, a vida como processo, num fluxo de transformação constante. A expansão de conceitos clássicos de tempo/espaço, não se restringe apenas pela composição dos sujeitos e objetos e suas clássicas diferenciações, mas se constitui no âmago do próprio conceito. As redes comunicacionais contemporâneas pedem o estabelecimento de ligações e aberturas/fissuras que possam levar as mais variadas possibilidades de leituras, gerando tensão criativa, o que Deleuze e Guattari (1996) chamam de *síntese disjuntiva*, o que permite a apreensão de imagens e idéias instáveis e mutáveis que desconstroem suposições sociais e historicamente assimiladas.

Assim, o território antes ocupado pelas artes visuais, com o surgimento do *ciberespaço*, não só se expande como se complexifica. É neste cenário de interconexões que me encaixo participando de páginas virtuais vinculadas a *cibermovimentos*, listas de discussões e debates virtuais a cerca de temas relevantes sobre política, gênero, religião, etc. Em minhas navegações e conexões virtuais de cunho ativista eis que surge a página virtual *Resistência*³. Vinculada ao Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação da UFSC⁴. Apresenta símbolos políticos de luta, como o anarquismo (através de representação visual/ ideológica), em confronto com o espaço institucionalizado da escola.

³<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>

⁴Universidade Federal de Santa Catarina.

Figura 1- Imagem da campanha utilizada pelo Grêmio Resistência



Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência (09/04/2012)

A curiosidade em entender melhor tal processo foi instantânea. O conceito de *arte* (com o qual hoje me identifico), como sendo uma *efêmera subversão ao que se estabelece como certo e verdadeiro nos processos culturais*, aproxima-se de conceitos sobre o movimento anarquista. Como defende Luis Mercier, ou Santiago Parene, ou ainda Charles Ridel⁵, o anarquismo não é uma mera repetição de *ismos*, uma autojustificação ou ideologia, mas uma indagação constante, uma inquietação curiosa. O anarquismo neste sentido não são querelas de grupos e organizações em torno da verdade ou da linha correta, mas uma atenção permanente às complexas e intrincadas tramas sociais, às manifestações de rebeldia e resistência ao que insiste em se estabelecer como padrão.

Assim, esta pesquisa define como objeto de estudo o *ciberativismo* em suas interconexões com o Grêmio Estudantil em rede, a partir da análise das postagens presentes na página virtual do Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação da UFSC denominada *Resistência*. Prioriza a análise das postagens de cunho *ciberativistas*, separando-as por temas como, *Ciberativismo Ambiental*, Movimento pelo Passe Livre, Movimento Estudantil Libertário e Coletivo *Anonymus*. Apresenta ainda reflexões sobre as interconexões entre o *ciberativismo* e as atuais manifestações que pululam em vários pontos do planeta. Para Deleuze e Guattari (1997, p.15) “o movimento não se faz mais apenas ou, sobretudo por produções filiativas, mas por comunicações transversais entre populações heterogêneas”. Elaborada no âmbito dos

⁵Pseudônimos utilizados pelo anarquista, ativista, propagandista e pensador Charles Cortvrint. Escreveu para a imprensa libertária e fez parte da rede internacional libertária muito útil para os exilados na América Latina.

estudos do *ciberespaço*, tem como base metodológica um estudo etnográfico da página virtual Resistência. Iniciei a pesquisa vinculando-me a página, assim, passei a receber atualizações via e-mail sempre que eram postadas pelos participantes, selecionando as postagens efetuadas pelos *cibermovimentos* para posterior análise. Em um levantamento dos perfis dos 357 membros inscritos na página virtual identifiquei que:

- 96 são alunos do ensino médio do Colégio de Aplicação da UFSC
- 45 são alunos do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da UFSC
- 7 são professores do Colégio de Aplicação da UFSC
- 83 apresentam-se como alunos da UFSC, sendo importante ressaltar que vários alunos do Colégio de Aplicação se apresentam como alunos da UFSC já que o colégio está vinculado ao campus da universidade.
- 3 membros apresentam-se como alunos do IFSC e 5 como alunos da UDESC. O restante que contabilizam 118 membros está sem identificação que os vincule a alguma instituição ou são alunos de outros colégios e universidades.

O ciberespaço é um dos objetos de maior visibilidade social dos últimos anos, confrontando os pesquisadores que se dedicam ao seu estudo com uma série de dilemas de ordem teórica e metodológica que exigem uma revisão das modalidades clássicas de pesquisa etnográfica. Questões sobre coleta e registro de dados, bem como questões éticas específicas implicadas na pesquisa no ciberespaço são centrais nas reflexões metodológicas. O professor de antropologia do ciberespaço Theophilos Rifiotis⁶, apresenta o estudo etnográfico nas suas dimensões *on e off-line*, assegurando que não há impedimentos para que uma pesquisa possa se definir pelo estudo tanto no campo presencial (*off-line*), quanto no virtual (*on-line*).

⁶Coordenador do *GrupCiber* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/CNPq).

Creio que poderíamos avançar um pouco mais nos perguntando sobre os limites do *on* e *off-line*. [...] no limite tendemos [...] a uma interpenetração, ainda que seus contornos nos pareçam mal definidos e instáveis (RIFIOTIS, 2010, p.25).

Este talvez seja o ponto de partida das análises empreendidas nesta pesquisa, pois os *movimentos* hoje se dão em espaços híbridos, e o que concebemos como *ciberespaço* não é mais um espaço social segregado, à margem da vida cotidiana. Não *entramos* mais na internet, antes, ela nos atravessa de diferentes formas. Como nativa do ciberespaço meu olhar sobre ele está situado na fronteira entre minha observação e minha experiência como participante, no entrelaçamento da minha vivência como pesquisadora e esta condição de nativa do meu próprio campo de estudos.

Nesta experiência de pesquisa da página virtual Resistência minha participação se efetuiu como observadora durante o ano de 2012. Não interferei com postagens ou comentários, mas confesso que minha vivência como *ciberativista* interferiu em algum âmbito nas escolhas das postagens que foram analisadas. Existem na página várias postagens de cunho artístico e cultural, com iniciativa de desenvolvimento de projetos nestas áreas, mas pela efervescência em que me encontrava como *ciberativista* optei por selecionar as postagens efetuadas pelos *cibermovimentos*.

Trata-se de colocar em suspensão tanto a autoridade do sujeito quanto a familiaridade com o objeto, e a partir deste deslocamento, produzir uma reflexão e uma narrativa marcadas pelo contínuo movimento entre *interior* e o *exterior*, colocando sempre em primeiro plano a dimensão vivencial das experiências sociais analisadas (RIFIOTIS, 2010, p.7).

Isto é, não se cria artificialmente uma situação a ser pesquisada, mas se vai ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento, não perdendo de vista que o rizoma caracteriza os requisitos de abertura e criatividade de uma nova maneira de perceber, pensar e deixar soltas as pontas dos conceitos e do conhecimento para que estes possam ir sempre ao encontro de outros. Assim, os textos desta pesquisa se propõem a uma escrita rizomática, por entender que o

movimento de leitura é singular. Apresenta-se um mapa que pretensamente pode ser útil para a abertura das múltiplas leituras para além de um texto que direciona sob a forma de início, sequenciamento dos capítulos e fechamento das ideias. Ou seja, ao entender que as trajetórias de leituras são individuais, e podem ser iniciadas em outras sequências que não apenas as direcionadas, nesta Dissertação optei por organizá-las em platôs⁷. O Platô 1, Vida é Movimento intenta uma cartografia dos movimentos sociais contemporâneos e *ciberativismos*. Uma breve introdução ao tema e uma análise das manifestações populares que emergiram em vários pontos do planeta a partir de 2011, bem como as manifestações populares no Brasil de junho de 2013, efetuadas a partir de notícias de jornais on-line, artigos de blogs de cientistas políticos, entrevistas e notas bibliográficas. Apresenta expectativas de alguns teóricos quanto à emergência de uma democratização da economia mundial a partir de contra-poderes mundiais e de uma sociedade civil mais participativa e auto-gestora. O Platô 2 Cidadania Cibernética busca refletir sobre a possibilidade conceitual e empírica de se conceber uma cidadania cibernética relacionada aos discursos dos *cibermovimentos* ambientalistas que utilizaram a página do Grêmio Resistência como espaço deliberativo. Aprofundando a discussão de sujeito político a partir da perspectiva do *ciberativismo* e do *ciberespaço*. Democracia, ação e discurso, espaço público e privado, cidadania e redes virtuais, serão tratados como temas transversais. Através da reflexão sobre o que seria a cidadania cibernética há um deslocamento na política contemporânea que transpassa a democracia grega como modelo de cidadania e participação. A partir disto, quais seriam os novos modelos políticos propostos pelos *ciberativistas* e como influenciariam uma participação pública virtual? Segue-se na perspectiva de que o que existe são misturas, multiplicidades, mútuas determinações, e de que seria um trabalho estéril a análise de algo sem considerar seus entrelaçamentos com outros algos. Os dados coletados permitem que se efetuem apontamentos sobre as redes de movimentos sociais contemporâneos e as possibilidades comunicativas da internet, sugerindo que a união

⁷Inspiração que surgiu do conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari, onde o platô é definido como um continuum, meio pelo qual cresce e transborda as múltiplas representações do real.

destes dois fatores possibilita o ciberativismo e este se interconecta aos estudantes do ensino básico do Colégio de Aplicação da UFSC através do Grêmio Estudantil em rede. Dessa forma a transcrição e análise das postagens e comentários relacionados com os conceitos bibliográficos levantados possibilitam reflexões ampliadas que sugerem reconfigurações nas formas pelas quais a ação política é conceituada e experienciada.

Tendo em vista a própria multiplicidade de abordagens sobre o tema, seria impossível construir uma única linha de raciocínio que as unificasse. Assim, não se trata de definir *ciberativismo*, movimento social ou grêmio estudantil, abrange mais uma cartografia rizomática de conceitos e perspectivas diversas e muitas vezes diferentes entre si, onde não se busca difundir uma proposta acabada para as questões atuais acerca do *ciberespaço*, é antes um *descongestionar olhares* para a multiplicidade de reflexões e práticas que não se constituem como totalidade derivada da soma de suas partes, que unificaria todos os pontos de vista em uma perspectiva restauradora. Os platôs foram construídos mais como quebra-cabeças com peças de diferentes coleções de onde sempre sobram e faltam partes, e não remetem a um mundo encaixado, mas sim a um mundo em constante construção e desconstrução, através de atritos e deslocamentos que objetivam transpassar as noções pré-concebidas sobre os temas e estimular a produção de novas perspectivas não cartografadas nos sistemas teóricos já pré-definidos. Neste sentido o pensamento que norteia esta pesquisa remete a espaços complexos e indeterminados, sempre em aberto.

1 PLATÃO:

VIDA É MOVIMENTO

O movimento é aquilo que, se existe, é como se não existisse, ele falta a si mesmo (manca a se stesso), e quando não existe, é como se existisse, excede a si mesmo (eccede a se stesso). Agamben, Movimento, 2006.

Antes de passarmos a discussão propriamente dita sobre os movimentos sociais algumas reflexões se fazem necessárias, como sobre as definições da palavra *movimento*. Compartilho com Agamben da necessidade de conceituar tal termo hoje, “trata-se de um termo que todos acham que entendem, mas que não se define. [...] de onde provinha este termo? Por que se passa em certo momento a chamar movimento uma instância política decisiva?” (2006, p.5). Para o autor o conceito de movimento adquire na política um significado relevante apenas no século XIX. Um dos primeiros aparecimentos ocorre na Revolução de julho de 1830 na França, na qual os defensores de mudança se denominavam *parte do movimento* enquanto os adversários fariam *parte da ordem* de governo estabelecida. Só com Lorenz Von Stein, em sua obra *História do Movimento Social na França* (1850), é que a noção de movimento aparece em contraposição dialética à noção de Estado. O Estado é o elemento estático, legal, enquanto o movimento é a expressão das forças dinâmicas da sociedade. Porém, Von Stein não se dedica a definir o que seria *movimento*, ele atribui ao conceito uma dinâmica e uma função, mas não o define. Conforme explicita Agamben (2006), em diferentes autores, como Arendt e Freud, vemos uma abordagem ao tema, assim como no próprio Aristóteles. Surgindo como *kinesis*, o “movimento é o ato de uma potência enquanto potência, mais do que uma passagem para o ato”, ainda “o movimento é um ato imperfeito, *ateles*, que não se possui no seu fim, que não tem fim” (AGAMBEN, 2006). Neste caso, pode-se entender o movimento enquanto ato em potência, portanto, infinito, no sentido da falta, da ausência como imperfeição, o que sugere uma proximidade com a imperfeição de toda política.

Nessa direção, a noção de *movimento* que em algumas instâncias se apresenta como uma entidade de contraposição ao sistema de governo (estado, partidos), pode parecer hoje insuficiente para entender a complexidade dos fenômenos coletivos que se apresentam. Melucci (1999, p.11) acredita que *movimento* hoje pode ser definido

como uma teia composta de complexas redes em que a questão identitária é perpassada por intercâmbios, negociações, decisões e conflitos.

A polissemia que se apresenta diante da tentativa de definir o termo *movimento* pode levar a considerá-lo sinônimo de tudo o que pode causar algum impacto nas formas de vida sociais. Portanto, aqui existe a necessidade de diferenciar o que seria *movimento social* de outros fenômenos coletivos, como por exemplo, manifestações e passeatas.

O conceito de *movimento social* também não é consenso nas ciências sociais, muitos trabalhos que tratam desta temática apresentam perspectivas divergentes. Alguns apresentam concepções entre o que concebem como *modelo clássico* que privilegia as determinações estruturais dos movimentos sociais e uma interpretação que valoriza a *organização e mobilização de recursos* por atores sociais (PICOLOTTO, 2007; ALEXANDER, 1998). Scherer-Warren (2013, p.187) faz alusão a alguns enfoques temáticos no século passado, concluindo que tiveram conexões em suas abordagens teóricas, destacando o marxismo e vários pós/neomarxismos, seguidos segundo a autora pela teoria dos novos movimentos sociais, das abordagens institucionalistas e, na contemporaneidade apresentam-se análises baseadas numa perspectiva das redes sociais, onde muitas organizações locais também buscam se organizar nacionalmente participando de redes transnacionais de movimentos como o Movimento Negro, o Movimento Gay, o Indígena, etc. Ainda localmente existem os coletivos informais, onde se encaixam os Grêmios e organizações estudantis sem nenhuma ou pouca institucionalidade, mas que são produtores de novas formas de expressão simbólicas de luta por reconhecimento e estilos alternativos de educação e de governo.

Nesta pesquisa a perspectiva abordada é a do *ciberativismo* que deriva dos *movimentos sociais contemporâneos interconectados a redes sociais virtuais*, apresentando a transnacionalidade, o descentramento nas lutas e a pluralidade organizacional como algumas de suas principais características que aproximam-se da filosofia política de Deleuze e Guattari:

Essa situação é ainda mais paradoxal quando vemos que estão chegando ao fim os tempos em que o mundo se encontrava sob a égide do antagonismo, projeção amplamente imaginária da oposição classe operária/burguesia no seio dos países capitalistas. Será que isso quer dizer que as

novas problemáticas multipolares virão substituir as antigas lutas de classe e seus mitos de referência? [...] parece provável que essas problemáticas, que correspondem a uma complexificação extrema dos contextos sociais, tenderão a se deslocar cada vez mais para o primeiro plano (GUATTARI, 1997, p.10).

Os autores avançam deslocando o eixo político da liberdade civil para o domínio dos fluxos, sendo contrários a idéia de que por lhe ser interior o direito é incapaz de controlar o Estado, questionam a idéia de que as sociedades se definem por seus modos de produção e por seus antagonismos.

As oposições dualistas que guiaram o pensamento social chegaram ao fim. Os antagonismos de classe herdados do século XIX contribuíram inicialmente para forjar campos homogêneos bipolarizados de subjetividade. Mais tarde, durante a segunda metade do século XX, [...] a subjetividade operária linha dura se desfez. [...] Um mesmo sentimento difuso de pertinência social descontraiu as antigas consciências de classe (GUATTARI, 1997, p.10).

Apresentam dois grandes conceitos concebidos como *máquina de guerra e aparelho de estado* (1997). Potencializados como uma resistência às forças que limitam o pensamento a supostas necessidades históricas e a reprodução das exigências do mercado. Apontam novas direções para se compreender as sociedades: não defini-las por suas contradições, mas por suas linhas de fuga; considerar não as *classes* e sim as *minorias* como potências revolucionárias; definir as máquinas de guerra não pela guerra, mas, antes, por certo modo de ocupar e de inventar novos blocos espaço temporais. Deleuze e Guattari buscam incitar o apoio aos movimentos que tentam escapar do controle dos axiomas capitalistas.

Os movimentos sociais para Alberto Melucci (1989, p.49-66) são laboratórios produtivos para se refletir sobre as transformações que estão em curso, entendidos como expressão de um conflito, signos que anunciam por meio da palavra, tal qual *profetas do presente*, uma profunda mutação na lógica e no funcionamento das sociedades complexas. E, para pensar tais questões é necessário decompor os

elementos da ação coletiva contemporânea, assumir uma perspectiva analítica da ação coletiva. O que estaria em jogo para o autor é a observação de uma mudança importante nos movimentos sociais: o acesso ao significado se converte em novas formas de poder e conflito e são definidos como *redes* de solidariedade com fortes conotações culturais que desafiam o discurso dominante e os códigos que organizam a informação e dão forma às práticas sociais. Dentro desta perspectiva a Sociologia Alemã na década de oitenta apresenta o termo “Novos Movimentos Sociais” (NMS) num afastamento da concepção marxista ortodoxa que centra sua ação coletiva na luta de classes e assim não estaria apta a acompanhar a complexidade da sociedade e seus atores sociais que não se restringiam mais a classe operária, mas abarcariam *novas* minorias (feminismo, estudantil, pacifistas, ambientalistas, etc). Desse modo, os NMS estariam orientados não apenas por interesses, mas por idéias e valores pós-materiais, que visam, sobretudo, espaços numa sociedade plural e complexa.

Apesar de valiosas as contribuições de autores como Touraine (1994) e Melucci (1996) em seus reconhecimentos escalares das mudanças sociais em curso, e em seus apontamentos de uma *sociedade planetária* identificando os *novos* movimentos no cenário global, o afastamento do marxismo ortodoxo presente acaba por sugerir que estariam as lutas de classes perto de sua superação, portanto, também estariam superadas algumas características que tradicionalmente as acompanham como a *luta pela terra* e o sindicalismo, porém acredito que a idéia central não é a superação no sentido de extinção de lutas *antigas*, mas sim, ampliações e reconfigurações. Por exemplo, movimentos que defendem a *luta pela terra* também reivindicam uma maior participação cidadã, que envolve um novo tipo de cidadania com participação ativa dos cidadãos no sistema político de seus países. E ainda, movimentos sindicais que tem em pauta questões globais inseridas no respeito aos direitos humanos.

Apesar dos avanços em relação as perspectivas anteriores, os NMS ainda mostram-se insuficientes nas análises relacionais entre o particular e o universal, o local e o global, pois aquilo que conhecemos como local esta em essência inserido no global, que por sua vez influi no plano local, assim o local deixa de ser meramente um receptor, para desempenhar um papel ativo que gera consequências no global. Numa dinâmica social onde não existem domínios puramente globais, regionais, locais ou familiares. Isto não significa que tais esferas ou a

oposição entre elas inexistem, mas sim que há uma oposição e contaminação mútua e constante.

Manuel Castells (1999) analisa *cibermovimentos* pioneiros como o Movimento Zapatista no México e traça duas principais características para os movimentos sociais contemporâneos que tornam a internet um componente vital para eles. A primeira é que necessitam dos sistemas de comunicação para trabalhar os princípios e valores do modo de vida que defendem. A segunda característica é que estes movimentos precisam representar uma alternativa em relação à crise das organizações políticas verticais e engessadas, tendo como foco a sociedade e não o Estado, eles objetivam o debate e a mobilização pública, possuem o foco na discussão e para isto necessitam de uma comunicação eficiente e abrangente. Explicitam a necessidade de sair das análises centradas na luta material no mundo do trabalho e na pura e simples conquista do aparelho do Estado, enfatizando que os conflitos sociais mobilizam atores que lutam para se apropriar da possibilidade de dar sentido ao seu agir (MELUCCI, 1994, p. 98). Talvez pela reconfiguração atual da noção de Estado, como sendo somente um nome que atribuímos de maneira complexa e relativamente confusa ao *governo do povo* ou *governo de ninguém*, instituído por uma complexa e cruel burocracia, como uma unidade inalcançável e pouco reconhecível. Ou ainda pelo fato de que quem nos apresenta a origem do Estado é a história, que por sua vez é sempre contada a partir da perspectiva dos vencedores, a imagem dos vencedores que, assim, são os únicos que podem continuar vencendo, tendo como efeito a abdicação de parte da liberdade individual diante do medo da força do coletivo, como um poder comum que mantém a todos em respeito. Tais reflexões indicam que idéias como a de Estado e democracia, mesmo depois de comumente aceitas, podem ser reformuladas e ressignificadas, ou mesmo abandonadas, levando-nos a proposições diferentes. Deleuze & Guattari (1996, p. 58) sugerem que tais transmutações são fugas criadoras que se encontram em perpétua coexistência e interpenetração e remetem a sistemas de fluxos mutantes, o que não impede, pelo contrário, sua pressuposição recíproca. Os autores propõem uma visão original sobre o que denominam centros de poder e Estado, pensado como agenciamento de reterritorialização ou movimento de sobrecodificação que organiza a ressonância dos centros de poder.

Ao longo de uma grande história, o Estado foi o modelo do livro e do pensamento: o filósofo-rei, a transcendência da idéia, a interioridade do conceito, a república dos espíritos, o tribunal da razão, os funcionários do pensamento, o homem legislador e sujeito. É pretensão do Estado ser imagem interiorizada de uma ordem do mundo e enraizar o homem (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 36).

Os fenômenos coletivos contemporâneos se vistos, simplesmente, à luz da estrutura podem emitir uma imagem turva e dar a impressão de um objeto empírico unitário, o que não condiz com as relações ocorridas em seu interior. Melucci (1994, p. 98) é contrário à idéia clássica de movimento social, como unidades fáticas, nascido quase de modo determinado a partir de condições estruturais dadas ou de valores, ideologias e crenças generalizadas em certos setores da população. Para ele, trata-se de um processo por explicar e não um dado assumido a priori, o que rompe com a dialética, ou, de acordo com o autor, com a concepção romântica de que os novos movimentos são novas formas de poder que provocam novas violências e novas injustiças. O autor apresenta como um marco da sociedade contemporânea o fato de que os conflitos emergem nas áreas em que os aparelhos de controle intervêm e definem de modo heterogêneo as identidades individuais e coletivas, até provocar que os indivíduos reclamem seu direito de serem eles mesmos e quebrem os limites de compatibilidade do sistema social com aquele que dirige a ação. E neste sentido o Grêmio Resistência em sua versão virtual forma-se também como um espaço de reclame de direitos:

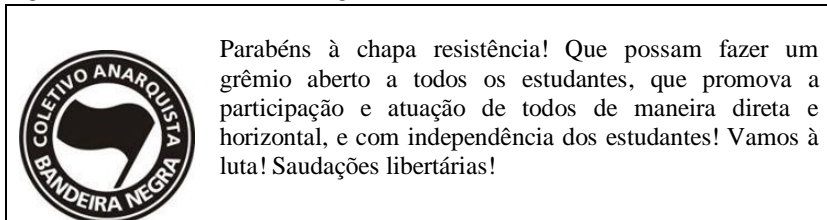
É para quem esta cansado de dar opiniões e não ser ouvido. É para quem quer poder dar opiniões e ser ouvido. É para pessoas que não querem ser somente representados. É para quem não tem medo de expor sua própria opinião (<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>).

O Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação da UFSC é definido por alguns participantes de sua página virtual como *anarquista e não hierárquico*.

A chapa vai ter um sistema de organização anarquista, sem hierarquia [...] e eu gosto da anarquia [...] mais um guerrilheiro! [...] nem todos são anarquistas, mas são todos pelo menos simpatizantes
(<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872>).

A *brincadeira* anárquica presente nos debates talvez seja reflexo dos discursos de alguns coletivos com bases anarquistas que se fazem presentes tanto na página virtual do grêmio quanto nas redes sociais em geral, como o Movimento Passe Livre⁸ e o Coletivo Bandeira Negra que saúda a vitória da Chapa *Resistência* com esta postagem:

Figura 2 – Coletivo Bandeira Negra



Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência (29/04/2012).

Quadro 3 – Chapa Resistência apoio ao MPL

Resistência é mais que uma chapa, é um movimento!

- Apoiamos e queremos dar continuidade ou criar movimentos estudantis, como por exemplo, o passe livre.

Resistência!

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência (17/04/2012).

⁸O Movimento Pelo Passe Livre (MPL) será discutido mais adiante neste mesmo platô.

O Coletivo Bandeira Negra se apresenta como uma organização específica anarquista catarinense que defende o anarquismo social. E os textos presentes em sua página virtual⁹ explicam o anarquismo social como uma vertente do anarquismo mais próxima do anarco-comunismo e do anarco-sindicalismo. Em síntese defendem soluções comunais para os problemas sociais. Contudo, é preciso frisar que são contrários ao comunismo estatal ou o que conhecem como comunismo autoritário e se unem as outras vertentes anarquistas no desejo de maximizar as liberdades individuais e acabar com o domínio estatal e o capitalismo. Os anarquistas sociais defendem em geral uma autogestão comunal dos meios de produção e distribuição, com possessões pessoais de objetos de uso, mas não daquilo que foi usado para fabricá-los, assim, reconhecem em alguma instância a importância da posse e do espaço individual. Acrescente-se a isto que reconhecem a necessidade de que a coletivização da sociedade seja voluntária e que pessoas que desejam trabalhar para si mesmas devem ser aceitas sem problemas. Os anarquistas em geral defendem a importância da livre associação como a base de uma sociedade anarquista, contudo se em nome da liberdade, um indivíduo exigir propriedades com bases na exploração da produção alheia, os anarquistas sociais se posicionarão contrários ao que chamam de *tentativas de reinstalação de estatismos em nome da liberdade de ser um governante*.

Também em síntese o anarquismo pode significar comunidades federadas e autônomas, como sugere o MPL:

Surge então um movimento social de transportes autônomo, horizontal e apartidário, cujos coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p.15).

⁹Link para página virtual do Coletivo Anarquista Bandeira Negra: <http://www.cabn.libertar.org/>

Figura 4 - Foto da janela do Colégio de Aplicação



Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência (19/04/2012).

Assim como no Grêmio Resistência características presentes nas vertentes anarquistas são identificáveis em alguns *cibermovimentos* e geralmente estão acompanhadas de confusões de sentido ligadas a indefinição e preconceitos que pairam sobre a palavra *anarquismo*. A noção equivocada de que *anarquia* é sinônimo de caos e desordem, quando na verdade significa ausência de coerção e não a ausência de ordem. Ausência de ordem se chama *anomia*. A palavra *anarquia*, do grego *anarkhia*, pode ser usada para definir a não necessidade de governo, de líder. Portanto *anarquia* etimologicamente quer dizer ausência de governo, sem autoridade, sem superiores. Outro equívoco é se considerar *anarquia* como sendo a ausência de laços de solidariedade entre os homens, quando, o auxílio mútuo é essencial para os anarquistas.

No sentido comum, a anarquia sempre foi o caos, a desordem. [...] Por paradoxal que pareça, anarquia não é bagunça, muito menos ordem. [...] Mas, não é com apenas uma pequena dose de purgante que se limpa quase dois séculos de distorções acumuladas na cabeça dos homens e alimentadas dia a dia [...] Os franceses tiveram a honra de usar a palavra pejorativamente pela primeira vez. Durante a revolução Francesa usaram-na para injuriar seus adversários da

esquerda. [...] Coube a Pierre-Joseph Proudhon a recuperação e cunhagem do termo anos depois, ao reivindicar para si o título de anarquista, usando-o de maneira positiva e aproveitando a ambiguidade da palavra original grega (COSTA, 1980, p. 11).

“E como tudo que vive, não existe somente um anarquismo, abstrato e definido. Existem vários anarquismos” (COSTA, 1980, p. 11). Cada vertente do anarquismo tem uma linha de compreensão, análise, ação e edificação política específica, embora todas vinculadas pelos ideais de base do anarquismo. Os anarquistas, (se é que se pode organizá-los em um só bloco), estão bem distantes do que se compreende como *individualismo* contemporâneo, entendem o *ser* humano sem representantes, sem delegações, porém, nunca isolado. Positivamente eles preconizam uma nova sociedade e indicam alguns meios para isto. Concordam que o homem possui por natureza, todos os atributos necessários para viver em liberdade e concórdia social. Encontram consonâncias no pensamento existencialista de Sartre (1970), em que antes de tudo o homem é livre, e não há nada além de otimismo nesta afirmação, a existência vem antes da essência, portanto não há planos divinos ou leis morais, que não foram constituídos a partir da existência, ou seja, não foram projetados e elaborados pelo próprio homem. Portanto não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Para os anarquistas, afirmar que o homem é livre não sugere um estado de caos ou um imobilismo contemplativo, mas sim, afirmar que o homem não é capaz de ser ético por sua escolha e decisão é de um extremado pessimismo. Não há permissividade porque se aceita a liberdade como fundamento do que existe. A importância dessa inversão de termos faz com que a liberdade deixe de ser um valor abstrato e transcendente para experimentá-la como valor real e imanente.

- Libere a ação política de toda a forma de paranóia unitária e totalizante.
- Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, antes que por submissão e hierarquização piramidal. [...]
- Não se apaixone pelo poder¹⁰ (FOUCAULT, 1977, p.2).

¹⁰ Prefácio da edição americana do livro O Anti-Édipo de Deleuze & Guattari, intitulado, **Por uma Vida não Fascista**.

Os anarquistas sempre estiveram de acordo em relação ao fim último de seus propósitos, divergindo apenas quanto a tática mais convincente para consegui-lo. A maioria se opõe a todas as formas de agressão, apoiando a autodefesa ou a não violência. Todos buscam a revolução, mas alguns acreditam que a violência é um mal necessário para alcançá-la. Os partidários de Tolstói, próximos ao que se conhece por anarcopacifismo ou anarquismo cristão, não admitiam a violência em nenhuma circunstância. O inglês William Goldwin apoiava o diálogo como propulsor das mudanças. Proudhon e seus partidários propugnavam a mudança social através da proliferação das organizações cooperativas. Kropotkin aceitava a violência como um mal necessário para se alcançar as mudanças. Bakunin combateu em barricadas, mas, chegou a dizer que “as revoluções cruéis são necessárias, única e exclusivamente por causa da estupidez humana; mas a crueldade seria sempre um mal, um mal monstruoso e um grande desastre” (COSTA, 1980).

Nas análises das propostas e apresentações da Chapa *Resistência* percebe-se sem muito esforço uma semelhança com algumas características dos movimentos sociais contemporâneos, onde a centralidade do sujeito pré-determinado e específico criado pelas contradições do capitalismo presente nos movimentos marxistas é eliminada. Assim, o sujeito apresenta-se também para os integrantes da Chapa *Resistência* como um coletivo difuso e não hierarquizado, baseado na solidariedade mútua com ações que buscam uma transformação mais focada em diálogos com a sociedade do que em disputas de poder, características que potencializam a importância da comunicação em suas práticas. O Grêmio Estudantil e os *cibermovimentos* neste sentido podem não possuir uma coordenação e um programa comum, mas, atuam juntos em ações simbólicas e com organização descentralizada.

Os integrantes da Chapa *Resistência* afirmam que todos os alunos do colégio compõem o Grêmio tendo os mesmos direitos na apresentação de propostas e desenvolvimento de reuniões,

A chapa resistência não contém integrantes, mas sim colaboradores não importa nome, quantidade ou série, quem participa dela é quem se compromete e quem colabora”, “Não temos hierarquia”, “no final o Grêmio é constituído por todos os alunos do colégio, e sua função original é essa, porém vem sendo esquecida durante o

tempo”, “esse é um espaço que além de servir para expor nossas ideias, é um espaço onde todos podem deixar suas sugestões e questionamentos” (<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>).

Assim as mobilizações hoje se fazem em torno de temas e as livres associações se organizam para certos objetivos, criam estruturas ou fóruns virtuais ligados a eles. E é bem provável que isso seja cada vez mais utilizado. A preocupação central aqui parece ser a caracterização do Grêmio como espaço de luta estudantil nos mais variados níveis, tanto em âmbito local (Colégio, Campus da UFSC, bairro e cidade), quanto em questões mais específicas que abrangem com maior nitidez o nacional e global. A internet parece ser a principal facilitadora neste processo de elevar rapidamente a nível global ações que em um primeiro momento pareceriam apenas locais, “pensar localmente (respondendo a seus próprios interesses e identidade) e agir globalmente – no nível que realmente importa hoje” (CASTELLS, 2003, p. 118).

Quando se pensa em transgressão, surgem comumente a idéia de confronto com poderes dominantes, resistência e grupos de ativistas que se mantêm perseguindo as correntes de poder que os ativam. Esta não é, porém, a única e última perspectiva, conceitualmente a subversão não deixa de ser uma transgressão que usa métodos mais sutis. O que se subverte na criação e agenciamento de um Grêmio Estudantil com as características do Grêmio Resistência é a hipótese de uma maior liberdade de expressão e alcance público que o computador conectado a internet possibilita (pelas capacidades que esta tem e pelo fascínio que transporta). Na dimensão do jogo, da negligência com o sentido que lhe atribui Agamben (2012, p.66), “uma atitude livre e ‘distraída’, livre da *religio* das regras”, que ultrapassa as barreiras tradicionais da *segurança* e dos muros da escola. Nesta esfera entra também o fazer magia não sendo mágico, o “brincar” com “aparelhos” de forma simbólica, na tentativa de produzir sentido e emoção, o que faz toda a diferença para jovens que estão descobrindo sua dimensão social e política.

O *ciberespaço* hoje se destaca como um lugar de articulação para os movimentos sociais, na história da militância política os originários grupos de discussão virtual (dos quais derivam as redes sociais virtuais) inauguram uma base de sustentação da articulação política de movimentos feministas, ambientalistas e estudantis. O aparecimento do ciberativismo rompe com o ativismo social até então

realizado no campo da comunicação social, sua dinâmica de organização e as ações dos *cibermovimentos* estão principalmente ligadas à sua estrutura *rizomática*, aos baixos custos e à rapidez da comunicação possibilitada pela internet, que ativa a formação de redes de solidariedade e a execução e coordenação de ações coletivas globais, como a Batalha de Seattle em 1999¹¹. Depois de Seattle uma rede aberta de produtores de informação com a finalidade de cobrir os protestos, chamada *Indymedia*, foi criada em diversos países, apresentando a *contrainformação* na realização de ações coletivas através da apresentação de versões do conflito, que contradizem as versões exibidas nos jornais e telejornais diários e reforçam a importância das agências alternativas de informações e do *ciberativismo*.

O Movimento Zapatista é apontado por Figueiredo (2007) como um dos primeiros movimentos sociais a incorporar a internet em sua organização e em suas ações, utilizando o *ciberespaço* para mobilizar a sociedade civil do México e do restante do mundo, criando uma rede de solidariedade em torno dos indígenas de Chiapas.

Um exemplo do papel da comunicação nesse movimento de transformação de sua tática, que passou de uma guerrilha armada para um processo de participação e comunicação. Esta ênfase no diálogo permitiu ao movimento evitar uma guerra civil e, ao mesmo tempo, deu início à formação de redes de solidariedade em todo o mundo (FIGUEIREDO, 2007, p.47-8).

Em 2011 vários fenômenos simultâneos de mobilizações e protestos sociais iniciam em rede virtual com reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua. O Movimento 12 de Março em Portugal (M12M), o Movimento 15 de Março na Espanha (M15M), o Movimento dos Indignados espanhóis e o Occupy Wall Street nos Estados Unidos, surgem da aguda crise financeira que atinge o núcleo do capitalismo global desde 2008. O Occupy Wall Street foi inspirado nos movimentos sociais europeus, que por sua vez foram influenciados

¹¹O marco público do movimento antiglobalização, mais de 100.000 pessoas saíram às ruas protestando contra a Organização Mundial do Comércio.

pelas rebeliões de massa que impulsionaram a Primavera Árabe e derrubaram governos na Tunísia e no Egito. Porém, o *Occupy* e o *Indignados* são movimentos que ocorrem em países capitalistas sob o estado de direito democrático, o que não era o caso da Tunísia e do Egito. A ampliação do desemprego e da precariedade social nos EUA e na União Européia, sobretudo a partir da crise financeira de 2008, impulsionou o radicalismo das massas “indignadas com governos social-democratas incapazes de deter o capitalismo global. Os protestos são reverberações radicais do capitalismo senil” (ALVES, 2012, p.34).

Em todos os países houve a mesma forma de ação: ocupações de praças, usos de redes de comunicação alternativas (principalmente redes sociais virtuais), e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional. Os movimentos se manifestam em rebeliões praticamente espontâneas contra as estruturas políticas partidárias e sindicais vigentes, mas sem forjar ainda uma nova articulação orgânica e representativa dos anseios de transformação e ruptura.

Quando eclodiu o movimento M15M, em maio de 2011, e as ruas espanholas encheram-se de *indignados*, eles acompanharam uma inovação: o *tweetômetro Yes We Camp*, uma ferramenta que permite ao ativismo das ruas fundir-se ao *ciberativismo*. Os internautas podiam votar nas propostas debatidas nas assembléias que aconteciam nas praças. Bastava *twitar sim* ou *não*, com uma *hashtag*¹² correspondente ao tema em discussão.

O *tweetômetro* sugere a possibilidade de duas inovações para o futuro da democracia. Primeiro, a participação política pode ser facilitada pelas expressões em tempo real que constroem as mídias sociais. Segundo, o espaço público pode se converter numa versão mais participativa da antiga *polis* grega. Redes de cidadãos tornam-se capazes de coordenar espaços de poder (<http://outraspalavras.net/posts/esbocos-de-uma-democracia-digital/>).

¹²Palavras-chave antecedidas pelo símbolo "#", que designam o assunto que está sendo discutido no Twitter. As *hashtags* viram hiperlinks que usuários podem clicar para ter acesso a todos que participaram da discussão.

Talvez a conquista mais importante do Movimento M15M tenha sido a criação de redes de assembléias locais tematicamente conectadas, a democracia em tempo real que se revela uma nova forma de democracia, que se esboça quando cidadãos colaboram para encontrar soluções para problemas tangíveis. O M15M desenvolveu projetos que mostram como um tópico do *Twitter* pode desencadear ações coletivas, o projeto *Stop Deshaucios*, criado para resistir a desocupações de famílias incapazes de pagar suas hipotecas, e a *Brigadas Vecinales*, que se configura como iniciativas de vizinhança para proteger imigrantes das ameaças da polícia.

Iniciado no segundo semestre de 2011, o movimento global dos *occupas* se deu na forma de acampamentos de estudantes e trabalhadores em áreas públicas de centenas de cidades em todo o mundo. Os protestos começaram em um parque do distrito financeiro de Manhattan, eram marcados pela internet e as decisões tomadas em assembléias ao ar livre. O movimento tem entre suas principais bandeiras a crítica à desigualdade econômica, tem bases anarquistas e demonstra uma veemente recusa as instituições, a lideranças tradicionais e organizações hierarquizadas, com semelhanças com a organização estudantil do Grêmio Resistência que se apresenta veementemente como não hierárquica, “*Não temos hierarquia*”, “*a chapa vai ter um sistema de organização anarquista, sem hierarquia*” (<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>), utilizando-se de símbolos anarquistas como representação simbólica de suas bases.

Outro exemplo do alcance global que a internet possibilita aos movimentos sociais contemporâneos é o *Indignados* que ganhou força na Espanha em 2011 e espalhou-se por vários países. Os jovens indignados da Europa, assim como os do mundo árabe despertaram uma nova euforia política num mundo dominado pelos ideais do individualismo. Questionam o que chamam de *pseudo-democracia ocidental* ou *neoliberal americana* e clamam por uma *democracia real*. A pergunta que paira aqui é: Como podem os manifestantes ocidentais reivindicar o que já tem: instituições democráticas? O que se perde de vista é o descontentamento geral com o sistema global capitalista, que, é claro, adquire diferentes formas aqui e ali. O objetivo parece ser estender o controle democrático para a economia por meio da pressão da mídia, inquéritos parlamentares, leis mais severas, investigações policiais honestas, etc. Mas, se a democracia neoliberal americana não é *real* ela se constitui como a principal ilusão sustentadora do sistema político e sua superação depende não só do rechaço ao sistema corrupto,

mediocrático e a serviço dos bancos, mas também da formulação de alternativas. Para Zizek (2012) estas manifestações são apenas o começo e há ainda uma longa estrada pela frente, logo estarão em cheque questões relativas ao que se quer, já que o que não se quer está ficando cada vez mais claro. Que sistema pode substituir o capitalismo? Precisamos de novos líderes? E de órgãos de controle e repressão?

De certo modo, os *Indignados* negam o capitalismo no interior dele próprio. Na medida em que ocorre a democratização radical da sociedade, desefetiva-se o Estado político do capital, “esses novos movimentos de proletariedade extrema são, como a esfinge da mitologia grega, uma incógnita social. Enfim, dizem eles: ‘decifra-me ou te devoro’” (ALVES, 2012, p.34).

Na América Latina as manifestações ainda se refletem na reivindicação estudantil por educação pública e gratuita no Chile que teve apoio de amplos setores, com greves sindicais que geraram uma crise nacional, debilitando estruturalmente o governo de Sebastian Piñera. Uma postagem sobre a manifestação chilena aparece na página virtual Resistência, logo seguida pela postagem de uma manifestação semelhante (porém com menos adesão), efetuada pelos alunos do Colégio de Aplicação da UFSC e do IFSC¹³.

Figura 5 – Manifestações em prol da educação

<p>Mensagem de um estudante chileno em meio à marcha pela aplicação de uma educação pública de qualidade que esta semana reuniu 150.000 estudantes chilenos nas ruas de Santiago, com ameaça crescente de</p>	<p>Manifestação dos alunos do Colégio de Aplicação da UFSC e do IFSC- Instituto Federal de Educação de Santa Catarina. Em apoio à greve dos professores e por mais qualidade na educação.</p>


¹³Instituto Federal de Santa Catarina em Florianópolis.

<p>nova greve estudantil. No Chile, diferente do Brasil, os estudantes não esperam pelo fim da greve dos professores...eles a iniciam...conduzem...e lutam pela educação e o futuro do país!</p>	
--	--

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência (19/31/08/2012).

O mês de agosto de 2012 foi especialmente movimentado na página virtual do Grêmio que apresenta diversas postagens e debates referentes a greve na educação que então atingia o campus da UFSC e demais instituições de ensino de Florianópolis. As questões mais relevantes fazem referência a participação estudantil na greve (também inspiradas pelos estudantes mexicanos, o link para o documentário sobre o movimento estudantil chileno de 2006, *A Revolução dos Pinguins*, está disponibilizado na página).

Figura 6 – Convite para Passeata a Favor da Greve da Educação

<p>6/08/2012</p>	 <p>Educação de qualidade já!</p> <p>Olha só, vai ter uma manifestação do IFSC quarta-feira, é pra TUDO MUNDO IR VESTIDO DE PRETO e levar um objeto DESCARTÁVEL que represente a nossa passagem pelo colégio. Imaginamos que seja muito interessante juntar dois colégios que estão sofrendo com a greve. Bacios.</p>
------------------	--

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência.

Na tentativa de realizar uma assembléia oficial dos estudantes do CA que decidiria pela adesão ou não dos alunos a greve da educação (que até então tinha adesão apenas de alguns professores do colégio), o Grêmio encontrou uma resistência por parte dos professores que não haviam aderido a greve, e se recusaram a liberar os alunos para

participarem da assembléia. Diante disto, alguns alunos participantes do Grêmio barraram as entradas que dão acesso às salas de aula e chamaram a presença dos alunos na assembléia, atitude esta bastante aplaudida e criticada em calorosos debates presentes na página virtual, que discutiam principalmente noções do que seria ou não democrático ou democracia.

Não querendo voltar ao estado de caos, mas imagino que as pessoas que se manifestaram contra não tenham mudado suas opiniões de uma hora para outra. Queria falar sobre o que vocês estão chamando de "falta de democracia", bem, anteontem nós combinamos de realizar uma reunião ontem, dia 01/08. Nessa reunião, não pudemos tomar muitas atitudes, porque muitos dos alunos que estavam no colégio, se encontravam nas salas de aula enquanto acontecia a reunião. Nós concordamos com algumas pessoas que disseram que eles mereciam ter voz também, porque era um direito deles permanecerem nas salas, considerando, inclusive, que alguns professores estavam passando atividades avaliativas. Saiu daquela reunião, uma combinação de fechar as entradas às salas de aula no dia seguinte, 02/08, para a realização de uma ASSEMBLÉIA ESTUDANTIL OFICIAL. Isso foi combinado não para proibir os alunos interessados no aprendizado que seria repassado, mas para banir os professores de dar aula enquanto acontecia tal assembléia, para DAR DIREITO DE VOZ A TODOS OS ALUNOS. Na assembléia de hoje, tivemos espaço para debate e acreditamos que tenhamos dado voz a todos os presentes. Como vocês já sabem, houve uma VOTAÇÃO a respeito da aderência ou não à greve. O resultado foi de 62 alunos A FAVOR e 38 alunos CONTRA. Sei que a greve é um direito do indivíduo, mas podemos pensar que um professor que entra em greve, não será prejudicado, pois tem o dever de repor a aula perdida depois. Enquanto, um aluno que adere a greve, precisa do CONJUNTO, da turma, para ter sua luta legitimada, senão sabemos que será dada falta ou até será prejudicado no boletim. Penso

que, como houve uma votação para saber se os alunos eram ou não a favor da participação na greve, o movimento que houve FOI SIM, DEMOCRÁTICO, diferente de alguns que gostariam de ir à aula independente do coletivo, o que EU considero uma atitude bastante individualista. Bem, essa é a minha opinião em relação a isso. (<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>).

A reunião de ontem, para quem leu o meu aviso foi combinado meia hora do dia anterior, pela internet como medida imediata, a principio era para acontecer relâmpago antes da reunião dos professores, ou seja, das 7:30 até 8:10 mais ou menos para levarmos uma pré posição, porém não rolou, confesso que não sei o por que, houve mudanças de plano, utilizaram a reunião para explicar a situação para nós, e como medida decidimos continuar a reunião e fazer a marcada logo após a deles, não houve quase nenhum tempo para organizar, e com o vai e vem dos alunos por conta das aulas que estavam tendo prejudicou e muito a reunião, por isso foi decidido trancar os portões no dia de hoje, para que os alunos pudessem comparecer a reunião sem se preocupar com as aulas. Resumindo foi isso que aconteceu. (<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>).

Ainda no mês de junho de 2012 a página Resistência apresenta várias chamadas para manifestações que exigiam a continuação do curso pré-vestibular que até então era oferecido pela UFSC e estava sendo encerrado,

Terça-feira 12/06 - 11hs na ALESC!”, “Vem gente ainda podemos ter meio semestre! Queremos pré-vestibular da UFSC!”, “Galera, temos que continuar a nossa luta! Temos que lutar agora, pois depois pode ser tarde demais, é isso galera boa, esperamos todos lá, pois essa luta não é de um ou outro essa luta é de todos! (<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>).

O movimento em prol da continuação do pré-vestibular da UFSC acabou ficando conhecido como *Aprova Colombo* e teve uma grande adesão dos alunos das escolas públicas, do IFSC, do IEE¹⁴ e do CA sendo noticiado na internet, nos jornais e telejornais locais. As manifestações resultaram na continuidade do curso pré-vestibular que auxilia na aprovação de uma quantia significativa de candidatas as vagas nos cursos oferecidos pela UFSC, em sua maioria oriundos de escolas públicas e de baixa renda. O *ciberativismo* que disseminou e apoiou o *Aprova Colombo* não foi o único responsável por esta conquista dos estudantes, a presença dos manifestantes em espaços de decisão como a assembléia legislativa foi crucial para que decisões conectadas com os interesses da classe estudantil fossem tomadas pelo poder legislativo. Porém, se torna necessário acrescentar a importância do papel do *ciberativismo* com suas chamadas a presença destes estudantes nas manifestações que se proliferaram nas redes virtuais.

Ampliando a perspectiva, a partir do novo milênio o cenário brasileiro ainda não havia tido manifestações de grande magnitude, mas, possuía a peculiaridade de mobilizar setores da juventude e de excluídos sociais, alvos de uma forte repressão policial, desde a entrada de tropas de choque na USP¹⁵ até a expulsão dos moradores de Pinheirinho¹⁶ e dos projetos higienistas nos centros das capitais. Uma ação de desalojamento de famílias na Grande Florianópolis foi amplamente divulgada na página virtual Resistência com postagens que pediam auxílio às vítimas desabrigadas.

¹⁴ Instituto Estadual de Educação.

¹⁵ Universidade de São Paulo.

¹⁶ Operação de reintegração de posse realizada na comunidade de Pinheirinho em janeiro de 2012.

Figura 7 – Desalojamento de Famílias em São José –SC

Pessoal, venho aqui pedir a ajuda de vocês referente ao desalojamento de famílias em São José, ajudem doando quilos de alimentos não perecíveis e/ou produtos de higiene básica!! Pontos de coleta lá no próprio colégio, do lado da inspetoria do primário. Quem está tendo essa iniciativa é um bolsista [...], que cuida de um menino dos anos iniciais!! Obrigada:¹⁷

NA DATA DE 10 DE OUTUBRO DE 2012, EM SÃO JOSÉ/SC, POR ORDEM DE DECRETO EMITIDO PELA PREFEITURA, ENTRE 150 E 200 FAMÍLIAS DA COMUNIDADE DE JOSÉ NETRO, JARDIM ZANELATTO E ARREDORES FORAM DESPEJADAS DE SUAS MORÁDIAS, QUE FORAM DERRUBADAS. ATUALMENTE, AS FAMÍLIAS DESABRIGADAS FORAM ALOJADAS NO GINÁSIO MUNICIPAL DO JARDIM ZANELATTO.

AS CONDIÇÕES SÃO PRECÁRIAS E A NECESSIDADE DE AJUDA ESTRUTURAL É GRANDE.

POR ISSO, ESTAMOS ARRECADANDO DOAÇÕES DE ALIMENTOS NÃO PERECÍVEIS, PRODUTOS DE HIGIENE PESSOAL, FRALDAS E ROUPAS. O MATERIAL ARRECADADO SERÁ LEVADO AO GINÁSIO NO SÁBADO.

TODA AJUDA É IMPORTANTE!

Pontos de coleta:

Colégio de Aplicação UFSC - ala das séries iniciais (ao lado da inspetoria).

Centro de Ciências Jurídicas da UFSC - térreo.

Ou falar com:

Eduardo 84386481

Márcia 88333404

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência (19/31/08/2012).

Durante este processo de pesquisa, numa prévia da dinâmica de movimentações sociais no Brasil, (junho/2013), algo mudou no cenário nacional, fui surpreendida com amplas manifestações que ocorreram por todo o país e tiveram a adesão de várias camadas da população brasileira. As principais avenidas das capitais e cidades do interior foram tomadas por manifestantes, estendendo-se de “forma epidêmica, no sentido grego original da palavra, que indica não só uma doença, mas algo que ocorre com muita gente do povo, como a conversão religiosa dionísia, por exemplo” (SOARES CARNEIRO, 2012, p.9). *Apesar de cedo para realizar uma análise mais aprofundada dos acontecimentos*, há algo de dionísia nas manifestações brasileiras: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pelos jovens, que sentem esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional de TV ou rádio, mas principalmente pelas redes sociais, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico

¹⁷Link para a página do evento:

[http://sphotosf.ak.fbcdn.net/hphotos-](http://sphotosf.ak.fbcdn.net/hphotos-akprn1/550474_366748423413689_1768526702_n.jpg)

[akprn1/550474_366748423413689_1768526702_n.jpg](http://sphotosf.ak.fbcdn.net/hphotos-akprn1/550474_366748423413689_1768526702_n.jpg)

com mensagens replicadas a milhares de outros emissores. Tais processos causam deslocamentos, capazes de passar, de forma inesperada de uma inquietação ou incomodo a uma manifestação massiva, produzida por contágio e processos distribuídos do que Deleuze e Guattari (1997) chamam de heterogêneses¹⁸. Até então a última postagem efetuada na página virtual Resistência é uma chamada para reunião de organização da manifestação na cidade de Florianópolis.

GENTE lembrando que amanhã 15h tem reunião na praça XV para discutir as coisas do protesto do dia 21/06! O convite fica a todos: àqueles que não sabem nada e querem saber mais sobre o movimento, aos interessados, curiosos, enfimes! Estaremos lá e quem quiser é só chegar junto!
Resuminho: 15h - Praça XV - Sábado (amanhã) - Reunião sobre o protesto.
(<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>).

As primeiras manifestações ocorreram na cidade de São Paulo, fomentadas pelo Movimento Passe Livre ou MPL em função do aumento da passagem do transporte coletivo. A Campanha Pelo Passe Livre conciliou grande adesão com formas de *ação direta*¹⁹ em Florianópolis. Um movimento também organizado horizontalmente, multifacetado, ligado principalmente, mas não somente, a associações comunitárias e estudantes. O MPL é o movimento com maior número de postagens e participações em debates virtuais na página virtual *Resistência*, e surge em meio a uma experiência concreta da luta contra o que entendem como *exclusão urbana*. A forma como a população é excluída da “organização da sua própria experiência cotidiana na metrópole”, a partir de um sistema de transporte que limita a mobilidade

¹⁸ A partir dos processos ininterruptos de territorialização e desterritorialização, Deleuze e Guattari desenvolveram o conceito de heterogêneses, como o canal da produção do novo reciclado, porém inusitado aos processos cotidianos. Similar a heterogêneses estão as linhas de fuga derivadas da idéia de que é possível desconstruir territórios existências na própria potência de construção de outros possíveis.

¹⁹ A ação direta é um dos preceitos anarquistas, onde o individuo não delega a ação à instituições nem à terceiros (representantes), utiliza métodos imediatos para produzir as mudanças que deseja ou para impedir práticas que considera indesejáveis.

do trabalhador apenas ao ir e vir do trabalho com catracas barrando o trânsito pela cidade. “E, no momento que se fortalecem as catracas, as contradições do sistema tornam-se mais evidentes, suscitando processos de resistência” (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p.14).

Figura 8 – Postagens MPL (Movimento pelo Passe Livre)

14/8/2012	 <p>Arte: Floripa Mil Grau²⁰</p>
31/5/2012	<p>AMANHÃ MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA! Vamos usar a criatividade para chamar a atenção da população das falhas no transporte público. CARTAZES, INSTRUMENTOS MUSICAIS, QUALQUER COISA. [...] Quem quiser quebrar, vai quebrar lá nas plataformas longe de quem só quer chamar a atenção de uma maneira inteligente e irônica.</p>
	<p>Manifestação para Melhoria do Transporte Público</p> <p>15 de janeiro de 2012 às 16:00</p> 
8/8/2012	<p>TICEN em Florianópolis</p> <p>Manifestação MPL Vamos lutar Floripa por um transporte público de qualidade e com preço acessível a toda população!</p>

²⁰Link para o evento: <http://www.facebook.com/events/486335148063164/>

<p>23/6/2012</p>	<div data-bbox="400 183 930 707" style="border: 1px solid black; padding: 10px;"> <p style="text-align: center;">VEM PRA LUTA VEM, CONTRA A TARIFA</p> <p><u>Estudantes, trabalhadores, cidadãos em geral!</u> Convido-vos a agir, pois o que falta é ação: palavras e promessas já bastam em ano eleitoral. Não deixeis que uma urna confine vossa influência política; levantai contra aquilo que vos prejudica, levantai-vos com cartazes, presença e gritos por melhorias! Junte-se ao movimento em prol da qualidade de transporte público e uma tarifa justa</p> <p>Reivindicações:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Redução da tarifa • Melhoria na qualidade do transporte público • Transparência na gestão (planilha de gastos/lucros) • Municipalização do transporte • Integração verdadeira <div data-bbox="703 422 916 576" style="float: right;"> </div> <div data-bbox="434 582 909 694" style="text-align: center; border: 2px solid black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Venha protestar conosco! Em frente ao TICEN – 29/06 Concentração às 15:00</p> </div> </div>
	<p><u>Transmissão do debate ‘Tarifa Zero:</u> Por que o transporte, entre todos os serviços básicos, é o único que é pago no momento do uso, e não indiretamente? É viável um transporte público sem catraca e sem tarifa?</p>

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência.

As postagens do MPL na página virtual *Resistência* são numerosas chamadas á ação na luta pela gratuidade do transporte coletivo urbano e disponibilizam links para sites e blogs com a agenda de atividades e manifestações, notas públicas e textos que expressam as posições do movimento em Florianópolis.

É difícil querer cobrar a participação das pessoas no movimento, se elas não sabem da existência do mesmo. Por isso eu acho interessante haver um diálogo entre as escolas e os movimentos que acontecem por aí, seja por meio de reuniões do Grêmio Estudantil, ou por redes sociais, ou por boca-a-boca, enfim. Não sei se é possível, mas seria muito massa se houvesse uma reunião da galera do Ensino Médio e/ou Ensino Fundamental

com o grêmio, para em primeiro lugar informar os estudantes sobre o movimento, e depois, explicar direitinho as questões sobre a tarifa do transporte coletivo da grande Floripa. Eu me disponho no que for preciso para ajudar neste envolvimento. Creio que outros alunos que foram nas reuniões e/ou manifestações, podem também apoiar. É possível se informar um pouco mais no perfil "Tarifa Justa" (nome do movimento) (<http://www.facebook.com/profile.php?id=100003964732505>).

Como esta postagem publicada em setembro de 2012 no site oficial do MPL e divulgada em forma de link na página do Grêmio:

Acreditamos que os movimentos sociais são instrumentos de organização dos trabalhadores e estudantes que lutam por direitos e conquistas em suas necessidades cotidianas, e que representam espaços de atuação política para além do voto. Para isso, os movimentos devem manter completa autonomia de grupos externos, tomando suas decisões democraticamente por todos aqueles que participam da luta, de igual para igual. As entidades estudantis e os partidos políticos podem apoiar e construir as lutas como todos nós, mas não devem nunca ter poder de decidir os rumos de nossa mobilização, assim como não devem usar as lutas apenas para buscar legitimidade ou votos. É papel de todos nós buscarmos a transparência e a democracia interna de nossas lutas, para que não haja possibilidade de nenhum grupo usar o coletivo como massa de manobra por seus interesses particulares. Movimento social deve ter pauta, e não partido! (MPL, 2012).

O Movimento pelo Passe Livre tem uma ligação histórica com os estudantes do CA da UFSC, no ano de 2012 alunas da disciplina de geografia do CA gravaram um documentário que narra as participações e o apoio dos estudantes do CA ao MPL. A partir das narrativas e entrevistas apresentadas no documentário percebe-se o entrelaçamento existente entre a participação dos alunos do CA e a própria história da criação do movimento após as manifestações efetuadas na cidade de

Florianópolis. As alunas aplicaram 70 questionários na comunidade escolar do CA que auxiliaram na construção do documentário. A partir das respostas concluíram que 84% das pessoas entrevistadas que compõem a comunidade escolar do CA apoia algum tipo de movimento direcionado à diminuição ou extinção da tarifa do transporte coletivo; 46% considera que a tarifa deva ser abolida apenas para estudantes, enquanto que 42% acredita que toda a população deveria ter acesso ao transporte público gratuito, e os 12% restante não apoiam a abolição da tarifa em nenhuma instância. Segundo as conclusões das alunas 54% das pessoas entrevistadas declara já ter participado de alguma manifestação referente a tarifa de transporte público, enquanto o apoio a participação dos alunos do CA no MPL e nas manifestação é de 88% dos entrevistados. Os questionários foram entregues a alunos, ex-alunos, professores, ex-professores e funcionários em geral. Ainda sobre o documentário é válido destacar o depoimento emocionado da orientadora educacional do CA Maria Salete Magalhães sobre as manifestações que ocorreram em 2004 e 2005, é comovente sua tristeza diante da lembrança de alguns de seus alunos sendo presos e agredidos por policiais, “o que choca é a truculência, quando a polícia está para proteger e não para atacar” (<http://www.youtube.com/watch?v=ysBzubVP3kI>).

“As revoltas em Florianópolis de 2004 e 2005 consolidaram a Campanha pelo Passe Livre estudantil, desembocando na criação do Movimento Passe Livre (MPL) no Fórum Social Mundial” (EVANGELISTA, 2013, s.p.). A perspectiva aberta pela vitória na capital catarinense deu origem ao movimento: “Surge então um movimento social de transportes autônomo, horizontal e apartidário, cujos coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central” (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p.15).

A primeira campanha pelo *Passe Livre* foi lançada em Florianópolis no dia 5 de março de 2004 com a exibição (em instituições e escolas públicas), do vídeo *A Revolta do Buzu*²¹ (sendo exibido no Colégio de Aplicação pelo então professor e ativista Marcelo Pomar), que trata da manifestação, na sua maioria estudantil, que em 2003 parou a cidade de Salvador por três semanas de luta contra o aumento da tarifa de ônibus e apresentava características surpreendentes como a não vinculação a organizações sindicais, partidos políticos e sem lideranças políticas de qualquer espécie. Seis anos depois, em 31 de maio de 2010,

²¹ http://youtu.be/K4vK_w4_OEQ

a Polícia Militar invadiu a UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina, e prendeu estudantes que protestavam contra o aumento da tarifa do transporte coletivo. As imagens da invasão e as inusitadas justificativas do então Secretário de Segurança Pública compõem o documentário *Impasse*²². Para integrantes do MPL o ato de *pular a catraca* dos coletivos é também um ato simbólico, as catracas são a representação física da barreira que discrimina e exclui, separando aqueles que podem circular livremente pela cidade daqueles que pela falta de condições financeiras estão presos na *exclusão urbana*.

Para a maior parte da população explorada nos ônibus, o dinheiro para a condução não é suficiente para pagar mais do que as viagens entre a casa, na periferia, e o trabalho, no centro: a circulação do trabalhador é limitada, portanto, a sua condição de mercadoria, de força de trabalho (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p.15).

Por fim, as primeiras manifestações de junho de 2013 fomentadas pelo Movimento Passe Livre ou MPL em função do aumento da passagem do transporte coletivo resultaram em milhares de manifestantes ocupando a Avenida Paulista na cidade de São Paulo e sendo recebidos pela tropa de choque da Polícia Militar com gás lacrimogêneo, spray de pimenta, bombas, balas de borracha a queima roupa (que não pouparam nem a imprensa). Todo um aparato de guerra é usado contra os manifestantes, e dezenas são presos e feridos pela polícia. No site da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ)²³, há um discurso inflamado sobre estes acontecimentos:

Tanto a truculência da polícia, o descaso do poder público, quanto o desrespeito que os empresários do transporte público nos fazem passar diariamente **são formas de violência contra o povo. E todas as formas que o povo usa para se defender são legítimas.** Devemos ter cuidado com a estratégia dos poderes dominantes de criminalizarem “individualmente” militantes e ativistas que lutam contra o aumento da passagem.

²² <http://curtadoc.tv/curta/cotidiano/impasse/>

²³ Site da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ) - Integrante da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB).

Lutar não é crime! [...] Essa é a verdadeira face da democracia burguesa, escondida de dois em dois anos nas urnas e propagandas eleitorais, mas que mostra suas garras quando surgem as flores da resistência! (<http://anarkismo.net/article/25717>, grifos do autor).

O jornal alemão *Die Zeit*²⁴ (2013) aponta que os brasileiros estão fazendo algo que os próprios alemães, em 2006, e os sul-africanos, quatro anos depois, deveriam ter feito: questionar os procedimentos da FIFA quanto à realização de um evento como a Copa do Mundo. De acordo com o *Die Zeit*, os protestos no Brasil atestam a maturidade democrática de um País que foi governado por generais durante 30 anos. Finalmente uma democracia se levanta contra a FIFA, uma entidade antidemocrática, diz o jornal. Ainda relembra as recusas de Viena e Graubünden, na Suíça, em receberem edições dos Jogos Olímpicos. Pelos valores envolvidos, a população de ambas as cidades recusaram sediar o evento. Para o *Die Zeit*, grandes eventos esportivos tendem a encontrar cada vez mais resistência em democracias. Não por acaso, China, Rússia e Qatar ganharam grandes eventos do esporte nos últimos anos. A maneira com que o governo brasileiro aceitou todas as exigências sem pensar duas vezes serviu como combustível para a revolta popular, associada aos problemas sociais do Brasil. Os contratos restritivos (da FIFA), no valor de bilhões, prevêem um completo alívio fiscal, além da exclusividade para patrocinadores bilionários e demandas ainda maiores de dinheiro público para estádios, hotéis e aeroportos.

Belo Horizonte foi uma das cidades que também protagonizaram manifestações de repúdio aos megaeventos da FIFA²⁵ (Copa das Confederações e Copa do Mundo), entre os dias 13 e 17 de junho de 2013, multidões foram às ruas, fechando as principais avenidas da cidade e enfrentando a repressão policial. Sobre a violência nas manifestações Luiz Eduardo Soares²⁶ (2013) questiona não somente os atos, mas a existência da Polícia Militar no Brasil, e afirma ser urgente que a transição democrática se estenda para a segurança pública. Para

²⁴*Die Zeit (O Tempo)* é um jornal semanário da editora *Zeitverlag Gerd Bucerius*. Em 2007 o jornal digitalizou seus artigos impressos desde 1946 e disponibilizou-os gratuitamente na web.

²⁵Federação Internacional de Futebol Associado.

²⁶Antropólogo, cientista político e professor da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

ele o que deve fazer uma polícia comprometida com a constituição é reduzir danos, atuar com mais tolerância do que força e buscar o diálogo. E o que uma polícia que serve à cidadania não deve fazer é o que tem sido a rotina nas manifestações: atos de vingança e provocações contra manifestantes, ataques e prisões arbitrárias, agressões a indivíduos desarmados e isolados. Em hipótese alguma deve usar armas *menos-letais* como se fossem *não-letais*, como brinquedos inofensivos de uso indiscriminado. O autor finaliza afirmando que cabe ao movimento, mesmo mantendo-se descentralizado e apartidário, organizar-se para inibir as práticas que tentam desqualificá-lo politicamente.

O discurso constante da mídia televisiva é de que os *arruaceiros* e *vândalos* que se utilizam dos protestos para expelir sua ira contra o patrimônio público e privado são uma minoria com ímpeto criminoso. Inflamam os espectadores a impedir qualquer ato de *vandalismo*, enrolando-se em bandeiras do Brasil, gritando slogans como o utilizado na *Marcha pela Família*²⁷ de 1964, *o gigante acordou e abaixo a corrupção*. Este trecho de um artigo do Professor Luiz Eduardo Soares convida a analisar a *violência* de outra perspectiva:

Consultemos, agora, imaginariamente, os sentimentos e as percepções difusas dos que têm convivido com a brutalidade policial. [...] o complexo de favelas cariocas da Maré: policiais do BOPE invadiram residências [...] humilharam, agrediram e ameaçaram moradores. [...] chacinas são perpetradas por policiais [...], armas e drogas são apreendidas em incursões bélicas que ferem e matam inocentes, mas são devolvidas em seguida, mediante negociações com traficantes locais ou facções rivais, à luz do dia, diante da comunidade. [...] O Ministério Público tem sido omissivo, com plena anuência da Justiça. [...] Quantos foram investigados e punidos no Rio, onde 9.231 mortes foram provocadas por ações policiais entre 2003 e 2012? Esses dados deveriam levar-nos a compreender a fonte da

²⁷**Marcha da Família com Deus pela Liberdade** foi uma série de manifestações públicas organizadas por setores conservadores da sociedade brasileira em resposta ao comício do presidente João Goulart realizado em 13 de março de 1964.

indignação furiosa de quem depreda. Não se trata de justificar a violência, mas de entender suas raízes e, sobretudo, de explicar por que a massa considera hipócrita o foco da mídia na ação dos assim chamados “vândalos” (<http://www.luizeduardosoares.com/?p=1113>).

Antes das manifestações, não havia ordem e normalidade, mas vandalismo continuado, praticado por aparelhos do Estado contra muitos, nas periferias. A ordem tida como natural antes da eclosão das manifestações, não era menos abusiva do que a desordem promovida por alguns manifestantes. A violência policial pode não justificar a violência popular, mas a torna inteligível. Para Foucault (2008, p.428-438) o objetivo geral da polícia é o aumento das forças do Estado, para que suas ordens não sejam comprometidas. O objetivo da polícia é, portanto, a repressão e o controle da atividade dos homens na medida em que esta atividade possa ameaçar o seu estabelecimento e o desenvolvimento de suas forças. A polícia é tomada por Foucault como a inteira arte de governar, ou exercer o governo de muitos. “O que a polícia abrange assim é, no fundo, um imenso domínio que, poderíamos dizer, vai do viver ao mais que viver”.

E, para muitos manifestantes toda essa mobilização rumando pacificamente enquanto se enrolam em bandeiras do Brasil, de fato não causa apreensão. O grande temor que pode gerar mudanças efetivas no sistema deriva é da situação de combatividade que se iniciou em São Paulo e espalhou-se pelas demais capitais. Para estes as pautas *legítimas* são as de redução da tarifa, de repúdio à FIFA por suas catástrofes sociais e econômicas e repúdio à violência policial, acompanhadas de manifestações combativas e com caráter de enfrentamento.

As postagens dos *cibermovimentos* seguiam em geral esclarecendo e alertando os manifestantes dos cuidados que deveriam ter com os falsos amigos que fingiam apoiá-los, mas, desejavam diluir os protestos, transformando-os em gestos moralistas inofensivos ou agrupamentos fascistas num extremo nacionalismo. Na opinião de Zizek (2012) é preciso resistir a uma tradução apressada da energia das manifestações para um conjunto de demandas pragmáticas *concretas*. Os protestos realmente criaram um vazio que carrega consigo um embrião, uma abertura. Uma questão bastante frequente (formulada principalmente por gerações que vivenciaram a ditadura) é se esta busca desenfreada por novos referenciais políticos no Brasil, um país com

correntes conservadoras muito fortes, não é um risco que pode desencadear um retorno do autoritarismo.

Os mais apreensivos acreditam que na medida em que cresce o movimento de descrédibilização da política, dos partidos, do governo em si, cresce o risco de que as manifestações se traduzam em caos social incontrolável aos olhos de quem detém a força. Então, mesmo que não haja um golpe milimetricamente arquitetado em curso, criar um clima de ódio da política pode servir muito bem a quem deseje a supressão da agitação popular e por uma suposta paz nas ruas, poderia atentar contra a institucionalidade democrática. Para Safatle (2012) há o risco quando o debate político está no campo da cultura, dos costumes, dos hábitos. O lado positivo disto é que estamos lutando pela diversidade humana. Mas, há pensamentos conservadores, existe uma proliferação de sites e blogs de extrema-direita no Brasil, colunistas que se assumem como conservadores e conseguem mobilizar camadas da juventude, criando divisões cada vez mais fortes e isso não pode ser negligenciado. O canal cibernético de comunicação que a internet proporciona é utilizada tanto pelos ativistas conservadores quanto pelos que se conhecem como revolucionários “de esquerda”. O filósofo conclui que há momentos em que é preciso saber como se organizar institucionalmente. Do contrário, todas as estruturas institucionais (que não vão desaparecer) serão dominadas por aqueles que sabem operá-las. No Egito, manifestações compostas por jovens de várias tendências políticas conseguiram resultados imediatos, mas, não conseguiram gerir o processo sem uma estrutura institucional, uma organização. Assim, quem colheu os frutos do processo foram os partidos islâmicos, mais organizados e com capilaridade popular.

O debate cultural deve ser feito com toda a força, e as redes sociais são bons instrumentos de diálogo e discussões sobre que tipo de sociedade se quer. Questões como, qual tipo de organização podem adotar os grupos que não admitem o partido como organização? Existe a necessidade de uma nova estrutura política? O que é e como alcançar a *democracia real*? Muitas respostas passam pela transferência das decisões para a população, ativando processos de democracia direta em algumas estruturas já postas. Esse é o grande desafio ao pensamento político atual e deve ser urgentemente debatido nas esferas virtual e presencial.

O efeito do movimento sobre o espaço dos conflitos relacionais decorre de uma ação coletiva que emana do movimento e “é resultante de objetivos, recursos e limites, isto é, uma orientação

finalizada que se constrói por meio das relações que se estabelecem no interior de um campo de possibilidades” (MELUCCI, 2001, p.46). As formas da vida democrática exigem, portanto, compreender a dimensão múltipla dos conflitos e as ações heterogêneas e ao mesmo tempo interconectadas dos *cibermovimentos*.

Fora dos objetos concretos, materiais ou simbólicos, que podem estar em jogo em um conflito, o motivo pelo qual nos enfrentamos é sempre a possibilidade de nos reconhecermos e sermos reconhecidos como sujeitos de nossa ação. Entramos em um conflito para afirmar nossa identidade, negada por nosso opositor, para nos reapropriar daquilo que nos pertence, porque estamos aptos a reconhecê-lo como nosso (MELUCCI, 2004, p. 49).

Há então que se considerar a construção de uma identidade coletiva, uma identidade na política enquanto um sistema de ação desenvolvido pelo grupo, o produto das trocas, negociações, decisões e conflitos que se dão em seu interior. Como um acesso a uma “política da amizade, calcada numa outra experiência do tempo e capaz de nos expor às exigências de compartilhamento da existência das quais não podemos mais nos esquivar” (AGAMBEN, 2009, p.11). O exercício da ação coletiva só se dá pela capacidade de formação de interconexões e *nós* que agregam sentido a ela. Diante disto, pode-se considerar que ações coletivas implicam solidariedade e é “graças à solidariedade que nos liga aos outros que podemos nos reconhecer através de nossas ações e suportar a ruptura que o conflito insere nas relações sociais” (MELUCCI, 2004, p.49). Apesar de se apresentar como anti-hierárquico e descentralizado o Grêmio Estudantil *Resistência* (assim como alguns coletivos contemporâneos), apresenta em alguns debates um gasto energético considerável que transpassa seus conflitos externos e tem o intuito de manter uma espécie de organização e unidade interna, uma vez que em seus núcleos a heterogeneidade produz disputas em torno de significados, modos de ação e organização diferenciados. Analisando alguns dos debates da página virtual do Grêmio percebe-se que para manter-se enquanto fenômeno coletivo sua manutenção precisa ser defendida com certo esforço e depende de negociações para manter uma unidade fluída baseada em suas complexidades e diferenças:

- Será que a melhor maneira de fazer isso não seria um manifesto ou algo do gênero? Abaixo assinado coisas do tipo. Já que acampar não sei se daria tanta "visão" à população

- Mas fizemos manifesto de fechar o colégio impedindo os professores e alunos de terem aulas e provas no dia

- Mas e manifestações? digo ir às ruas? tornar público o movimento de vocês? Foram em algum protesto dos federais? Isso também é importante saca, um acampamento a meu ver, não parece tão "impactante"

- Foi uma atividade simbólica de ocupação do espaço. Não é um protesto de alunos contra alguma coisa direta de dentro da escola. Trata-se de uma atividade de greve. havia professores junto inclusive

- Bem, como disse não vejo resultados não vejo algo a se alcançar com isso. Apenas opinião própria saca?

- Mas você tem razão, não há nada a ser conquistado com isso as discussões e outras atividades têm sido mantidas, na intensidade em que a presença do grupo permite

- Não vejo resultados, mas como já foi feita, espero que seja mantido DIARIAMENTE os debates. Pois estão fazendo uso de um local público, então é interessante que seja para crescimento do intelecto dos presentes

- E ontem a tarde, antes do acampamento, os estudantes do CA participaram ativamente da passeata dos federais. Neste grupo há uma agenda de greve é só vocês olharem.

- Eu quero ir as aulas é claro, mas não quero ficar num colégio LIXO como tava ontem então eu não quero greve dos alunos **ESSA GREVE É DOS PROFESSORES!**

-Não vejo no q iríamos ficar prejudicados se fossemos nas aulas, é chato ir pra um dia de aula, mas cara é oq os professores querem, eu respeitaria se isso estivesse acontecendo, mas, **FECHARAM** o portão e isso pra mim é errado.

-Não sei se você parou para se tocar, mas nosso colégio não é lixo. A greve não é apenas dos

professores, É DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA PRINCIPALMENTE VOLTADO AO ENSINO FEDERAL. Se você puder pensar no bem do coletivo

-A questão do Portão, você esclareceu, é verdade, mas isso não impede de acharmos errado da maneira que foi feita. Entendemos os fins, mas não concordamos com os meios.

-Sim, se tivéssemos a coerência dos professores, em deixar os alunos decidirem que posição iríamos tomar em conjunto o meio não precisaria acontecer

-Alias não foi decisão nossa em trancar os portões foi voto da maioria presente na primeira reunião.

-Vocês tem mais ou menos idéia de quantos alunos estão participando da greve?

- No momento todos, inclusive os professores que não aderiram, pois o colégio paralisou. Acho que ele quis dizer apoiando a greve, no caso, os 64 daquela assembléia (?)

-Sim, dos presentes 60 e alguma coisa votaram a favor.

- Mas esses não são todos os alunos do colégio.

- Pois é, o espaço tava lá para por suas opiniões e posições não utilizaram por que não quiseram.

-Sim, mas lembrando que os que não foram tiveram seus votos anulados.

-Claro então eu acho pelo que conversei com muita gente eles não queriam nenhuma das duas greves, pois vamos ter q ter de ir talvez aos sábados e isso sim é chato. - Devemos respeitar os dois lados da moeda, coisa que ã foi feita hoje com a "Assembléia" de 100 alunos dos 300 do ensino médio é democracia?

- Fora o ensino fundamental. Dizer q eles não foram pois n quiseram não cola. Ninguém ia acordar 6:30 pra estar 7:30 na reunião. Deveriam ter feito isso ao meio dia pra ser mais democrático

-Fico de cara como as pessoas reclamam que não foi democracia por conta da falta de alunos...e essas mesmas pessoas subiriam que não tivesse o tal do cadeado

- A reunião era aberta quem não assistiu foi porque não quis... Se a pessoa não tem maturidade

pra conversar não tenho como adivinhar o voto dela foi a maneira mais justa de votar

-Ficamos a tarde para fazer uma reunião com os alunos do ensino médio, porém poucos apareceram porque ficaram sabendo que não teria aula.

- Sim claro impondo algo sobre a galera, por que ã marcaram a assembléia avisando a galera, por que sabiam que ninguém ia!

-Sim, por que ninguém tem coragem de sair da aula! Metade dos que votaram a favor da greve, tem medo do que pode acontecer

-O cadeado foi uma ação desesperada para haver participação dos alunos em uma decisão, se não faz reunião não é democrático (concordo) e se marca reunião poucos vão....me explique o que seria a democracia??

-Vcs não viram que foi VOTADO?

- Claro, 100 alunos de um colégio de mais ou menos 300! Marcar uma reunião com antecedência (para TODOS ficarem sabendo). Com votos em papel e com soluções diferentes do que impedir alunos de entrar e sair de um Colégio PÚBLICO.

- Pensando nas atitudes que tomaremos, além. Temos um panorama, agora, e os alunos optaram pela greve democraticamente. Por que brigam pelo que já foi decidido? Façamos escolhas viáveis e não briguemos pelo que já morreu. Espero que aqueles que foram contra a greve participem das atividades como o coletivo estudantil em que nos convertemos, hoje, pois, afinal, não somos uma democracia? Se o coletivo tivesse escolhido o boicote à greve, todos acataríamos ao juízo coletivo. Esperamos que todos estejam juntos, daqui pra frente, deixando as discrepâncias particulares de lado²⁸ (<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>).

²⁸ Debate presente na página *Resistência* e faz referência a ação de fechamento das entradas para as sala de aulas efetuada pelos alunos para que todos participassem de uma assembleia estudantil onde seria decidida a posição dos alunos a respeito da greve da educação.

Ainda a partir da análise destes debates percebe-se um aprendizado que se dá fora do contexto escolar (escola, sala de aula), e apesar de relacionar atores como professores e alunos, o debate se estabelece em espaço virtual, fora dos parâmetros convencionais de espaço-tempo da escola. Também deriva de uma relação que ultrapassa, simplesmente, a divergência entre as expectativas do coletivo e gira em torno de uma democracia que transpira justiça social e participação. Como uma *revolução* no sentido que entende Agamben (2009, p.10), longe de pré-determinações espaço-temporais, ao contrário, a revolução entendida como a constante interrupção da cronologia por um tempo outro, para ele a autêntica revolução não é “a entrada forçada pela porta de um novo mundo, mas mantém as coisas como são apenas um pouco fora do lugar”. É justamente nessa ligeira diferença, nesse mínimo deslocamento das coisas entre o mundo estabelecido e o mundo profano que Agamben percebe a revolução.

2 PLATÃO:

CIDADANIA E GUERRILHA CIBERNÉTICA

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. Nada é impossível de Mudar. Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Bertold Brecht.

Observa-se na página do Grêmio Estudantil Resistência a participação ativa de uma diversidade de atores sociais, como ONGs, movimentos sociais, sindicatos, organizações e associações estudantis de cunho local e global que possuem diversos objetivos e atuam de maneiras diferentes, mas estão unidos em torno de uma causa em comum que é a luta pelos direitos das minorias. “*O Grêmio é só o microfone por onde os estudantes podem se expressar sobre questões envolvendo a escola e especificamente no nosso caso a universidade e os movimentos sociais que rondam a nossa esfera*” (<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>). O *ciberativismo* atuando nas redes sociais virtuais dissemina as reivindicações e as lutas de grande parte das organizações e movimentos sociais contemporâneos, unindo-os e alcançando o Grêmio Estudantil Resistência através de sua página virtual, assim, acredito que tal fenômeno pode ser caracterizado como sistema *rizomático*, ou seja, por uma heterogeneidade, pela descentralidade e horizontalidade na organização política. Como no rizoma aqui também as possibilidades de conexões, mestiçagens e cortes são múltiplas e infinitas, estabelecendo novas formas de trânsitos possíveis por entre seus inúmeros *devires* que rompem com as estruturas hierárquicas e piramidais, aproximando-se novamente da *transversalidade*, com características como a transnacionalidade e a pluriorganização, como “articulações discursivas

que permitem criar ‘cadeias de equivalência’ entre subalternidades identitárias de raça/etnia, gênero etc” (SCHERER-WARREN, 2013).

Os Movimentos Sociais em rede virtual nesta perspectiva podem ser percebidos como coletivos nômades e inexactos, onde nada é fixo, há apenas linhas e trajetórias múltiplas, uma circulação de estados que possibilitam conexões transversais. Atravessando-os, conectando-os em um entrelaçamento quebradiço de conectividades variáveis, cuja combinação infinita não se pode prever ou organizar em sua totalidade. Aqui, toda a ação carrega sua potência de imprevisibilidade que esta nas bases da política e revela em sua própria trajetória, a heterogeneidade, a coexistência, as inter-relações e a importância relativa das diferentes linhas/fibras que compõem sua multiplicidade. Movimentos estes claramente regidos pelos princípios de conexão, heterogeneidade e multiplicidade, pois, para Deleuze e Guattari tais princípios caracterizam o rizoma como sistema não hierárquico, característica que transpassa as postagens analisadas aqui. Assim, todos os pontos estariam conectados e teriam igual importância. Para os autores o princípio que chamam de multiplicidade, presente nos movimentos sociais em rede virtual, não apresenta uma unidade ou eixo centralizador, mas, multiplicidades de dimensão e natureza variável, “sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados”. Redes de movimentos sociais que possibilitam uma articulação entre diversas entidades sociais em prol de objetivos comuns, que alcançam e articulam as definições de público e privado.

Transforma o cotidiano em uma rede de sínteses momentâneas e localizadas, de determinações globais e maximalistas, o sentido comum e vulgar do dia a dia, tanto público como privado, tanto produtivo como reprodutivo, se desvulgarizam e passam a ser oportunidades únicas de inversão e protagonismo pessoal e de grupo. Aperfeiçoando uma nova relação entre subjetividade e cidadania (SANTOS, 2001, p.180, tradução minha).

Longe de ser uma palavra a mais, o *ciberativismo* permite uma compreensão da complexidade política contemporânea sob a perspectiva da produção de contrainformação (em canais alternativos como a *Mídia*

*Independente e a Mídia Ninja*²⁹). Surgem nas esferas cibernéticas, coletivos que produzem continuamente narrativas sobre os acontecimentos sociais, que discordam ou esclarecem as visões editadas pelos grandes conglomerados de comunicação (jornais, canais de Televisão e rádios). Captam momentos que agregam outros valores e interpretações as notícias, funcionando como ruídos geradores de percepções múltiplas e variadas perspectivas dos acontecimentos e seus desdobramentos.

As incessantes mudanças de comportamento, das aprendizagens e percepções humanas se refletem em não menos mutáveis transformações socioculturais, geradas muitas vezes por dinâmicas perceptíveis. Como é o caso da *cibercultura* que apresenta novas maneiras de exercer o que se conhece como *cidadania*, gerada pelas múltiplas mobilizações que se formam no espaço urbano e virtual. Uma perspectiva da sociedade contemporânea que está possibilitando às pessoas outro relacionamento com a vida e o mundo através de formas de protestos e ações políticas baseadas nos diálogos e debates públicos. “Enquanto a teoria insiste na passividade do *ciberativista*, ele valoriza ação, entendida como ação eficaz, soluções verdadeiras, enquanto a teoria acentua o isolamento, o imobilismo, o *ciberativista* busca contatos entre pessoas físicas dedicadas a atividades afins.” (MARZOCHI, 2006, p. 16-20).

É possível constatar uma falta de definição estratégica, programática e teórica nos *cibermovimentos*, mas, possuem o que se pode chamar de *união dos corpos no espaço público* dos movimentos sociais históricos, característica que é favorecida pelos fluxos de comunicação pela internet, pode-se observar na página virtual *Resistência* postagens com fotos de estudantes nas manifestações junto a uma série de convites à participação em passeatas, manifestações e reuniões presenciais.

²⁹Canais que distribuem informações pelo meio virtual e apesar de intrigantes não serão aprofundados nesta pesquisa. Link para a Mídia Independente: WWW.midiaindependente.org; Link para Mídia Ninja: <https://www.facebook.com/midiaNINJA>

Figura 9 – Fotos Pré-Passeata e Passeata em Apoio à Greve da Educação



Fonte: Página Virtual Resistência (2/8/2012).

O *ciberespaço* é potencialmente o lugar do compartilhamento de informações, fato aproveitado pelos *ciberativistas* para dinamizarem a articulação de atores políticos diversos em manifestações e ativismos também diversos que visam intervir no que Benkler (2006) chama de esfera pública interconectada.

A idéia de esfera pública virtual ou interconectada que acolhe os diálogos e debates cibernéticos deriva do conceito de Habermas que se relaciona à utilização da mídia impressa e do telégrafo por movimentos sindicalistas, nacionalistas e abolicionistas no século XVIII e XIX; do rádio e do filme pelo nazismo no século XX; e da televisão pelos Novos Movimentos Sociais a partir da década de 1960. A esfera pública virtual adiciona a internet e ao histórico inter-relacional entre a comunicação e as mobilizações sociais apresentado por Habermas, sendo a principal diferença entre ambas a arquitetura rizomática da troca de informação no *ciberespaço* que elimina os custos da emissão e recepção. A idéia de esfera pública virtual também se correlaciona com

o que Lemos (2009, p.9), entende como *nova esfera comunicacional*, que surge a partir das redes telemáticas e computacionais, e se caracteriza como uma “cultura das mídias mais conversacional que informacional, já que a troca se dá mais próxima do diálogo do que da recepção”. Há um grande número de pesquisas que atestam uma revitalização da democracia e de suas instituições através do *ciberespaço*. Compartilham da afirmação de que o *ciberespaço* oferece uma gama de possibilidades democráticas, mais dinâmicas e plurais, facilitando o encontro, a tensão, a expansão e a mestiçagem de vários pontos de vista. Algumas trazem reflexões bastante convincentes, mas talvez não muito aprofundadas, como a de que o Estado tornar-se-ia próximo do cidadão por oferecer serviços de modo conveniente e ágil, e por ganhar transparência³⁰. Outras apresentam ainda proposições de que o mesmo potencializa o enfraquecimento do que se conhece como a comunicação massiva contemporânea (GUIDI, 2002; MARQUES, 2006; MORAES, 2001). O *ciberespaço*, neste sentido pode ser entendido como onde se exerce a *isegora* contemporânea, o equivalente ao que os gregos conheciam como *o direito de uso da palavra, o poder de falar em assembleia*, a partir do momento em que favorece a troca de experiências e conteúdos e possibilitam *em potência*, espaços de diálogo. Em termos ideais, isso traria aos cidadãos interessados a possibilidade de, novamente, possuir certa influência nos rumos da esfera pública política, encontrando, comodamente, outros cidadãos para discutir questões de interesse público. A metáfora da rede como artifício ou arma a ser utilizada pelos cidadãos na busca por um *pacto democrático* que se liga à noção de construção de uma cidadania mais próxima e participativa nas esferas política e civil, na gerência da coisa pública, que se apresenta hoje inviabilizada de uma maior participação popular (LÉVY, 1998; ANTOUN, 2002).

Por outro lado existe uma gama de teóricos que se dispõem a analisar as características relativas à apreensão sócio-cultural que deriva da rede virtual, e se tais modificações tão promulgadas ocorrem ou não, e até que ponto a existência destes espaços virtuais possibilita um efetivo poder político popular que segundo eles não se limita apenas aos debates; e permite que determinados parâmetros defendidos, por

³⁰CEBRIÁN, 1999; FERGUSON, 2002. É importante destacar que a Controladoria Geral da União tornou disponível *online*, desde novembro de 2004, o *Portal da Transparência* que permite verificar os repasses feitos pelo Governo Federal aos estados e municípios.

exemplo, por noções da democracia deliberativa (como a reciprocidade ou a busca pelo debate controverso, e não apenas com aqueles com os quais já se tem afinidade ideológica) sejam atingidos (BOHMAN, 1996; GUTMANN e THOMPSON, 2009).

O fato é que o *ciberespaço* torna relevante a reconfiguração conceitual da categoria *esfera pública*, essencial para relação entre Estado democrático e esfera civil contemporânea. É importante ressaltar que as discussões sobre o potencial do *ciberespaço* ser tomado como espaço argumentativo com potencial de servir como ambiente deliberativo tem uma estreita relação com o pouco entendimento do que seria a categoria *esfera pública*. Em síntese uma maior compreensão desta categoria pode partir do entendimento de *debate deliberativo*, que tem o objetivo de definir políticas e se apresenta nas casas parlamentares, ou em associações populares e empresariais; de *debate não-deliberativo* ou *conversação civil* que ocorre na informalidade do cotidiano e tem a finalidade de possibilitar informação e reflexão de prós e contras a respeito de determinados assuntos; e finalmente a *esfera de exposição* ou *visibilidade pública* de materiais acerca do que deverá habitar os setores deliberativos que são emitidos preferencialmente pela mídias tradicionais como TV, Jornal e rádio, sem a possibilidade de diálogo (MARQUES, 2006, p.168). Existem muitas ressalvas relacionadas à idéia de internet enquanto esfera pública, porém, são inegáveis os inúmeros debates que só acontecem graças a existência do *ciberespaço*. Talvez seja óbvio que não se pode atribuir somente à internet a capacidade de resolver os problemas que inquietam as atuais formas democráticas de governo e que *o ambiente virtual é formado por uma grande parcela de caos e consumo*. Porém, a constatação que deve ser feita é de que, apesar de imperfeito (a meu ver uma constatação também carregada de obviedade), o *ciberespaço* apresenta numerosas possibilidades e oportunidades de expressão e formação em espaços que são públicos e de fácil acesso, o que seria pouco provável que acontecesse em espaços físicos.

Apesar da incompreensão e o equacionamento das esferas política e social serem tão antigos quanto a tradução latina de termos gregos, a confusão torna-se muito maior na contemporaneidade. A partir do surgimento das Cidades-estados, a distinção entre as esferas privada e pública corresponde aos domínios da família e da política, que existiram como entidades diferentes e separadas; mas a eclosão da esfera social, que estritamente não era nem privada nem pública, é um fenômeno relativamente novo. O que interessa neste contexto é a

extraordinária dificuldade com que, devido a esse desdobramento, compreendemos a divisão decisiva entre os domínios *públicos e privados*, entre a esfera da *pólis* e a esfera do lar, da família, e, finalmente entre as atividades relativas a um mundo comum e aquelas relativas à manutenção da vida, divisão na qual se baseia todo o antigo pensamento político, que a via como evidente por si mesma. Hoje esta linha divisória é inteiramente difusa, “vemos o corpo” de comunidades políticas como “uma família cujos assuntos diários devem ser zelados por uma gigantesca administração doméstica” de âmbito transnacional. O conceito de cidadania que se atribui aos gregos e reverbera em muitas instâncias nos dias atuais, se mistura profundamente ao ideal de indivíduo do pensamento político pós-iluminista, e apenas poderia realizar-se nos espaços de encontro e atividades conjuntas. É somente na esfera pública que ela se define, fora do ambiente familiar. No universo do *ciberativista*, o ambiente da intimidade e o espaço da ação política se misturam (interagimos com o mundo sentados no sofá da sala de estar), assim como o dentro e o fora, o eu e o outro, o mundo particular e o mundo comum, o público e o privado. Como repensar a cidadania nestas novas condições?

Na perspectiva da participação no Grêmio Estudantil em esfera virtual, este amplia o intercâmbio e encoraja o exercício da cidadania, envolvendo os estudantes em debates virtuais e na ação e atuação presencial em manifestações e reuniões de organizações externas ao contexto escolar, transpassando em alguns casos as fronteiras comunitárias e municipais. Como em relato do Movimento Passe Livre, “durante as aulas, estudantes secundaristas pulavam os muros das escolas para bloquear ruas em diversos bairros, num processo descentralizado, organizado a partir de assembleias realizadas pelos próprios estudantes” (MPL, 2013). As postagens selecionadas abaixo sugerem significativas mudanças nas intervenções e ações dos usuários da página virtual do Grêmio Resistência entre o início e o final do Mês de abril de 2012 (mês que inicia a gestão deste grêmio no CA).

Quadro 10 - Postagens Iniciais

7/4/2012	<p>Cara, podemos levar aquela questão de eliminar a Ed. Física para poder praticar um esporte fora do colégio? O professor (Não lembro qual é o nome dele, mas é aquele que responde pelos professores de ED. Fsc.) comentou que para ele seria como fazer um curso de idioma e deixar de fazer as aulas de L.E. no colégio, que achei um argumento ridículo e fácil de derrubar. Valeu ai Sugestão? Dar "voz" aos alunos nas aulas, necessitamos da cooperação dos professores nas aulas!</p>
13/4/2012	<p>Acho que todos naquele colégio tanto de manhã quanto a tarde, já tem cabeça e sabem que NÃO se deve riscar os banheiros, são portas com ofensas a deus e o mundo. Sem contar, não sei no banheiro dos meninos, mas meninas, mais organização ao nosso banheiro, né?</p> <p>...E, sobre os bebedouros... Muitos alunos reclamam de sempre se atrasarem depois do intervalo (professores reclamam dos atrasos também)... pelo fato de sempre ter uma fila enorme.. Por serem poucos bebedouros e muitos alunos.. Achei um foco interessante, já que nem todos levam garrafinhas... O que acham dessa situação?...</p>

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência (2012).

Quadro 11 – Postagens Finais

23/4/2012	<p>Meu sonho é conseguir fazer com que todos os alunos consigam ver as coisas ruins do colégio e não deixar acontecer. É meu sonho fazer com que todos percam uma ou duas aulas pra decidir se realmente é importante , por exemplo, ficarmos trancados no colégio. Se a gente não concorda com algo, nós deveríamos reivindicar, deveríamos fazer protestos, abaixo-assinados, ocupar uma sala que nós gostaríamos de usar, mesmo sem a autorização do diretor. Essa frente de luta é muito mais eficaz do que qualquer blábláblá com a diretoria. Assim mostramos que temos voz e atitude. O colégio é feito por nós e para nós, e não para os professores e coordenadores.</p> <p>Galera, estamos organizando a ocupação de uma sala para transformá-la no nosso espaço de convivência. Vamos passar nas salas avisando da ocupação. Durante o recreio vamos ocupar a sala, retirando os materiais do CDS de dentro dela.</p>
-----------	--

28/4/2012	<p>LEMBRETE: Dia 24/04 e 26/04 haverá discussão do plano diretor. Há cartazes espalhados pelo colégio com hora e local do debate. Informe-se. Seja cidadão.</p> <p>Agradecemos à atenção de todos e VAMOS NOS MOVIMENTAR!</p> <p>Convite:</p> <p>O que: Evento de 1º de Maio</p> <p>Quando: Terça (01/05) às 15 horas</p> <p>Onde: Travessa Ratclif, 56.</p> <p>Evento: “1º de Maio: Dia do Trabalho ou Dia do Trabalhador?”</p> <p>Coletivo Anarquista Bandeira Negra .</p> <p>O 1º de Maio é um dia histórico dos trabalhadores em todo o mundo, marcado por inúmeras lutas e conquistas para nossa classe. É necessário resgatar nossa história e fazer do 1º de maio um dia de organização e luta dos trabalhadores! Enquanto o Estado e a mídia ignoram seu significado histórico e dizem que esse é um feriado qualquer, e enquanto vemos as centrais sindicais organizando comemorações e festas sem visão crítica ou busca por transformação, nós reivindicamos um 1º de maio classista e combativo!</p> <p>..."O fim da educação não é preparar eruditos frios, nem sábios secos, nem ideólogos impassíveis, indiferentes às lutas sociais: é preparar homens de pensamento e ação, a um tempo compassivos e enérgicos, corajosos e hábeis, capazes de empregar valiosamente em proveito da coletividade todas as forças vivas da sua alma e todo o arsenal de conhecimentos de que os apercebeu o estudo."...</p>
-----------	---

Fonte: Página Virtual do grêmio Resistência.

Como uma ação política gera outra, no momento em que os jovens optam pela participação nos grêmios, geralmente iniciam suas atividades reivindicando por melhorias no espaço físico da escola, com o decorrer do tempo, passam a discutir temas de grande abrangência pública como projeto político-pedagógico, programas de cultura e lazer na unidade escolar, política educacional e universitária, violência, gênero, ampliando e interconectando as esferas de discussão e participação ativa. A internet neste sentido possibilita e potencializa tal entrelaçamento do grêmio com outras organizações de luta social e política, não necessitando que os atores destas organizações passem necessariamente pela esfera da instituição escolar para alcançar uma

inter-relação com os estudantes da mesma, quebrando com estruturas hierárquicas e burocráticas que existem no sentido de oferecer proteção e segurança aos estudantes, mas também revelam seu lado de encarceramento e detenção. O tema da segurança versus encarceramento esteve presente em um debate entre os participantes da página,

- Assim como, para manter a segurança de todos, o colégio não vai permitir a saída dos alunos no intervalo, pois não podem ignorar que um aluno pode ter o risco de ser atropelado, por exemplo
- Todos são responsáveis, ou deveriam ser para fazerem o que bem entenderem e para voltar para as aulas no horário. Quem quiser sair, pode pular facilmente o portão. A situação atual, só faz com que isso seja motivo de "revolta" dos alunos
- Sair no recreio é importante, para comprar cartolina pra algum trabalho, tirar algum Xerox (principalmente agora que estamos sem) ou comer um lanche que queremos
- Mas o colégio é responsável pelo aluno durante o horário que o aluno está ali. É responsabilidade do aluno escolher o que vai fazer, se vai ir e voltar ou sair, prestar atenção na movimentação dos carros, etc
(<http://www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/>).

Neste contexto, as decisões sobre a segurança e demais assuntos referentes aos estudantes são tomadas por uma instância superior sem a possibilidade de diálogo e participação da comunidade estudantil, o ciberespaço aqui amplia as possibilidades de interação entre a esfera pública e privada, contribui na transposição das barreiras citadas acima, uma vez que como já explicitado, permite a redução dos custos de participação e possibilitam a formação de práticas capazes de estimular a participação nas questões políticas da esfera pública dos estudantes (principalmente do ensino médio e universitário, aproximadamente 55% dos membros da página virtual do Grêmio Resistência se declaram como estudantes do ensino médio e universitários), podendo tornar o processo mais aberto para consultas, debates, deliberações, acompanhamento e acesso às informações, questões que parecem relevantes nas reivindicações dos alunos e professores na página virtual,

É preciso trabalhar por descentralização de poder em esferas para além do grêmio. é preciso que haja pressão por diálogo, quando ele não nos é oferecido. é preciso que tenhamos espaços comuns e que entendamos que somos grupos que trabalham uns COM, e não uns CONTRA os outros³¹
 (//www.facebook.com/#!/groups/273717872713039/).

Como processos de singularização, ou, como entende Guattari (1993), como uma micropolítica, os agenciamentos aqui são facilitadores, que se apoiam uns aos outros e nunca se neutralizam. A micropolítica, assim, se apresenta como uma “maneira de se sobrepor às tendências homogeneizantes capitalísticas, e como expressão revolucionária da ‘subjetividade coletiva’”. As lutas sociais para Guattari (1993) são processos de singularização, se a normatização e a individuação excluem e serializam, a singularização liberta e inclui na diferenciação. Processo de singularização significa para ele, simplesmente poder *ser*, como um movimento processual e é o que confere à singularidade a potência de travessia em todas as estratificações e faz da singularização um processo transversal. Assim, toda vez que este processo é bloqueado, interceptado, congela-se naquilo que se conhece como identidade.

Aqui surge a questão, quem é este sujeito político? Acredito que opiniões sejam reflexões a partir de determinados aspectos analisados e que a opinião se dá de acordo com as concepções de mundo que se possui. Assim, a subjetividade não se situa apenas no campo individual, nesta perspectiva, indivíduo ou individualidade é simplesmente um modo de subjetividade que está inserida em todos os processos de produção social e material. As subjetividades se modelam ao fragor das instituições sociais, no campo das forças sociais, estão sempre se fazendo, por isso falo em processo de subjetivação e a ele nos referimos cada vez que falamos em subjetividade. A idéia de subjetividade com a qual busco trabalhar é aquela concebida por Félix Guattari “de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente produzida, fabricada, modelada, recebida, consumida” (GUATTARI, 1993, p.25). A subjetividade para o autor é produzida pelas esferas individuais, coletivas e institucionais e o que chama de *subjetividade*

³¹ Postagem de um professor do CA na página virtual *Resistência*.

maquínica é o potencial de relações que funciona por agregação ou agenciamento e está inserida em todos os processos de produção social e material. O ciberespaço, pela interconexão e interação, oferece a muitos o acesso à expressão de alcance público e irrestrito, automatiza os processos de criação e reprodução de imagens e informações, denota um sentido menos formalista na produção e proliferação das informações, estabelecendo relações e produções de sentido ampliadas. Expondo os indivíduos contemporâneos não só ao conhecimento formal, conceitual e prático em relação ao universo, mas também a sua compreensão como parte da diversidade e multiplicidade deste universo. Preparando-os para uma vida criativa, atuante e distante de uma visão fragmentada sobre as questões que se desenrolam ao seu redor. Segundo Scherer-Warren (2008), as questões da associação e solidariedade dos coletivos, em seus pluralismos e aceitação de diferenças são as bases necessárias para que se transformem demandas particulares em pautas políticas, relacionadas a exclusões sociais de vários âmbitos, mas com uma mesma lógica sistêmica e é a partir deste fato que a diversidade dos movimentos sociais latino-americanos vem se articulando em redes públicas.

Se, por um lado, esse encontro da diversidade dos movimentos representa também a possibilidade de fragilidade das lutas, devido à sua fragmentação e efemeridade, por outro lado, representa um avanço no plano do reconhecimento intersujeitos e interorganizacional, criando um potencial de democratização no âmbito das relações sociais e políticas (SCHERER-WARREN, 2008, p.509).

Neste sentido, o ciberespaço pode ser entendido como esfera pública repleta de recursos e oportunidades que proporcionam o diálogo, o debate de opiniões e contribuições nas decisões políticas por meio de ações individuais/ coletivas. Uma participação efetiva no debate público deliberativo, que torna viável a elaboração de projetos coletivos que reivindica sua legibilidade perante o Estado, além da identificação moral na sociedade. Aqui, o cidadão cibernético aparece como um ponto de conexão em uma rede, as ações *ciberativistas* assim podem ser resumidas em iniciativas de conscientização e apoio, difusão de informações e eventos. É possível pensar na internet enquanto uma rede rizomática virtual de deliberação e convocação cívica, potencializando as representações sociais e simbólicas de luta, convocando a participação física em eventos e fomentando debates virtuais. É possível

observar na página do grêmio Resistência várias postagens com chamadas e convites para debates políticos e organizações sociais e estudantis de âmbito regional e nacional.

Figura 12 - Postagens Resistência

22/8/2012	<p>CHAMADA PARA O ATO UNIFICADO DOS SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS HOJE, ÀS 15 HORAS, NA BEIRA-MAR!</p>
20/8/2012	<div data-bbox="263 486 498 758" style="text-align: center;"> <p>A OUTRA CAMPANHA USAR SONHAR TRANSFORMAR LUTAR PARA ALÉM DAS ELEIÇÕES</p> </div> <p data-bbox="520 566 924 710">Hoje! Reunião para A Outra Campanha Floripa Rádio Tarrafa - Centro de Convivência - UFSC³²</p> <div data-bbox="408 821 806 1021" style="text-align: center;"> <p>A CHAPA RESISTÊNCIA É A FAVOR DA GREVE DE MOTORISTAS E COBRADORES!</p> <p>Ai complicou né Dário?</p> <p>Foda-se a RBS.</p> </div>

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência

A participação dos movimentos ambientalistas como agentes de mudança no cenário mundial foi fortalecida nas últimas décadas pelo *ciberativismo*, que permite um maior fluxo informacional e uma ampliação significativa da luta por direitos, divulgação de causas e a busca por *conscientização* ambiental.

³²Link para o evento postado na página virtual do Grêmio Resistência:
<http://www.facebook.com/events/407093389351713/>

É nesse contexto de ruptura, de descentramento, de multiplicação dos antagonismos e de processos de singularização que surgem as novas problemáticas ecológicas. [...] parece-me que elas evocam uma problematização que se torna transversal [...] não se trata mais como nos períodos anteriores de luta de classe de fazer funcionar uma ideologia de maneira unívoca, é concebível em compensação que se indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto a vida cotidiana quanto a reinvenção da democracia, trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade [...]. Perspectiva que não exclui totalmente a definição de objetivos unificadores tais como a luta contra a fome no mundo, o fim do desflorestamento ou da proliferação cega das indústrias. Só que não mais tratar-se-ia de palavras de ordem estereotipadas, reducionistas, expropriadoras de outras problemáticas mais singulares resultando na promoção de líderes carismáticos (GUATTARI, 1997, p. 14).

O *ciberativismo* se diferencia da visão totalizante da mídia tradicional (TV, rádio, jornais e revistas impressos), que viabiliza voz a poucos emissores e pode, através da Internet, contestar forças hegemônicas e driblar o monopólio de divulgação de informações. A Internet propicia uma *reconfiguração* no cenário do ativismo, onde os *ciberativistas* podem criar suas próprias páginas, divulgar a informação que julgarem mais relevante sem passar pelo crivo de uma comissão editorial e sem depender de fomentos financeiros de empresas privadas ou instituições governamentais. Assim, o surgimento do *ciberativismo* ambiental permite um maior fluxo informacional e uma ampliação significativa na divulgação de causas ambientalistas que ganham mais números de adeptos e apoiadores. Não se trata de uma oposição simplória entre o poder das mídias tradicionais e a *rebelião* associada aos movimentos sociais por meio dos novos dispositivos computacionais conectados a internet, mas de uma mudança nas práticas sociais e comunicacionais que oferecem “à sociedade maior capacidade

de controle e intervenção, além de maior organização política aos que não fazem parte do sistema tradicional” (CASTELLS, 2010, p.30).

Os movimentos ambientais em geral possuem uma enorme diversidade ideológica, uma composição pluralista e heterogênea que se configura a partir de alianças em torno de objetivos globais como a preocupação com o meio ambiente, o desejo de preservação dos organismos vivos, a diversidade étnica, a auto-suficiência alimentar e a participação comunitária na gestão dos recursos. A pluralidade dos movimentos sociais contemporâneos é conectada por Domingues (2001) ao conceito de *subjetividade coletiva*, que abrange sociedade, redes e movimentos, caracterizados por níveis de centralidade variáveis de acordo com a organização da coletividade. Onde a idéia de uma *identidade na política* tende a ser mais fluída quando se analisa o conjunto dos movimentos, que “embora em si possam ser altamente centrados” e hierárquicos, em “suas organizações conjuntas tendem a ser mais dispersos, o que de resto requer um mecanismo de coordenação específico de forma a possibilitar seu centramento relativo” (DOMINGUES, 2007, p.23).

Assim uma das características principais relacionadas ao *ciberativismo*, a da transnacionalidade, possibilita a definição do que alguns arriscam chamar de *cidadania cibernética*, um tipo de cidadania não mais restrita ao território nacional, antes disto, que transpassa as tradicionais dimensões dos direitos políticos à participação, manifestação e expressão da opinião sem o reconhecimento de um Estado Nacional. Pressupõe uma diferente configuração de ligação com o universo que situa socialmente e reorganiza o modo de pensar, através de uma ampliação dos campos de ação social e de comportamentos no cenário político, novas táticas e articulações com a participação de atores externos aos grupos ativistas.


Assim uma *identidade na política*, ou, uma *subjetividade coletiva* defendida pela necessidade de não negar o agenciamento entre pessoas reconhecidas como inferiores pelos padrões coloniais e imperialistas (negros, índios, homossexuais, mulheres, etc), se torna flexível e aceitável para os parâmetros de um possível pós-modernismo, através da existência de fatores como a tolerância, o respeito pela diversidade individual e coletiva e o sentimento de pertencimento a um mesmo planeta, que na perspectiva ambientalista sugere a existência de um *cidadão planetário*, com todas as discrepâncias que tal termo pode carregar.


O universo deste *ser* político, o *cibercidadão*, é a Terra, um surpreendente tipo de ligação que não encontra com facilidade referenciais teóricos que auxiliem em sua compreensão. Afinal, como conceitos de cidadania ou mesmo de democracia tão vinculados a criação das cidades-estados na Grécia pode se tornar global e planetária?

A cidadania comumente sugere um Estado, território, mas, o princípio da cidadania cibernética é o emblema do cidadão planetário (ou terrestre), muito próximo à idéia de universalidade que ignora identidades locais, nacionais, regionais, envolvendo-as indistintamente.

Os *cibermovimentos* ambientalistas, de um modo geral, também traduzem o tema da *reforma agrária* ou da tradicional *luta pela terra* que derivam do sindicalismo e de grupos com ideologias marxistas, identificando-se com o assunto de diversas maneiras. Isso é possível observar na diversidade de notícias postadas por eles na página do Grêmio Estudantil Resistência, as postagens abarcam vários subtemas dentro das questões de preservação ambiental, luta indígena, desmatamento e soberania alimentar e territorial.

Figura 13 – *Ciberativismo Ambiental*

9/11/2012	<p>VEMVEMVEMVEM! Ato Contra o Genocídio do Povo Guarani Kaiowá – Florianópolis</p> 
7/9/2012	<p>Mais sobre os Kaiowás:¹ “Decretem nossa extinção e nos enterrem aqui” A declaração de morte coletiva feita por um grupo de Guaranis Kaiowás demonstra a incompetência do Estado brasileiro para cumprir a Constituição de 1988 e mostra que somos todos cúmplices de genocídio – uma parte de nós por ação, outra por omissão.</p> <p>Quem tiver disponibilidade de passar amanhã no varandão do CCE, estarão confeccionando cartazes lá a partir das 11h, vou pra lá depois da aula. Quem quiser saber mais sobre a</p>

23/10/2012	<p>situação dos Kaiowás, sugiro esse doc – A Sombra de um Delírio Verde³³</p> 
7/10/2012	<p>Pessoal, venho aqui pedir a ajuda de vocês referente ao desalojamento de famílias em São José, ajudem doando quilos de alimentos não perecíveis e/ou produtos de higiene básica!! Pontos de coleta lá no próprio colégio, do lado da inspetoria do primário. Quem está tendo essa iniciativa é um bolsista [...], que cuida de um menino dos anos iniciais!! Obrigada:</p> <div data-bbox="281 555 776 995" style="background-color: yellow; padding: 10px;"> <p>NA DATA DE 10 DE OUTUBRO DE 2012, EM SÃO JOSÉ/SC, POR ORDEM DE DECRETO EMITIDO PELA PREFEITURA, ENTRE 150 E 200 FAMÍLIAS DA COMUNIDADE DE JOSÉ NITRO, JARDIM ZANELATTO E ARREDORES FORAM DESPEJADOS DE SUAS MORADIAS, QUE FORAM DERRUBADAS. ATUALMENTE, AS FAMÍLIAS DESABRIGADAS FORAM ALOJADAS NO GINÁSIO MUNICIPAL DO JARDIM ZANELATTO.</p> <p>AS CONDIÇÕES SÃO PRECÁRIAS E A NECESSIDADE DE AJUDA ESTRUTURAL É GRANDE.</p> <p>POR ISSO, ESTAMOS ARRECADANDO DOAÇÕES DE ALIMENTOS NÃO PERECÍVEIS, PRODUTOS DE HIGIENE PESSOAL, FRALDAS E ROUPAS. O MATERIAL ARRECADADO SERÁ LEVADO AO GINÁSIO NO SÁBADO.</p> <p>TODA AJUDA É IMPORTANTE!</p> <p>Pontos de coleta: Colégio de Aplicação UFSC - ala das séries iniciais (ao lado da inspetoria). Centro de Ciências Jurídicas da UFSC - térreo. Ou falar com: Eduardo 84386481 Márcia 88333404</p> </div> <p>ATENÇÃO, PESSOAL, UMA ÓTIMA NOTÍCIA: A ordem de despejo foi SUSPENSA!!! De: Diário dos Desalojados da Comunidade José Nitro¹</p>

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência.

A partir das postagens acima é possível constatar que movimentos calcados em valores definidos tradicionalmente, como os indígenas, se tornam mais flexíveis e articulados com atores exteriores ao grupo, como o movimento estudantil, fato também observável nas

³³Link para o vídeo postado na página virtual do Grêmio Resistência:
<http://vimeo.com/32440717>

postagens que convidam os alunos a reuniões presenciais em espaços do CCE³⁴.

Quem tiver disponibilidade de passar amanhã no varandão do CCE, estarão confeccionando cartazes lá a partir das 11h, vou pra lá depois da aula [...] e ações que derivam de universitários. Quem está tendo essa iniciativa é um bolsista [...], que cuida de um menino dos anos iniciais!!
(<http://www.facebook.com/events/378267812253624/>).

As ações necessárias ao se construir um problema ambiental seriam atrair a atenção, legitimar o problema, dramatizá-lo visualmente e invocar a ação, principalmente por meio de petição *online*, com estas características e com participações na página virtual do Grêmio Resistência destaca-se o *Greenpeace*,

Pessoal, um moço do grupo **Greenpeace**, pediu para eu passar uma folha de petição referente a uma lei de "Desmatamento Zero", eles precisam de 1 milhão e 400 mil assinaturas para a criação dessa lei. Levarei essa folha amanhã de manhã para a galera assinar, topam? É necessário o TÍTULO DE ELEITOR e/ou CPF, mas de preferência o título. Por favor, vamos ajudar
(<http://www.facebook.com/events/378267812253624/>)

O *Greenpeace* atua por petições via e-mail com o objetivo de incentivar os seguidores a enviarem mensagens de protesto, pedindo que o conteúdo seja compartilhado. A organização também incentiva debates em sites e páginas virtuais, de tal forma que pessoas de todo o mundo possam interagir para tomar conhecimento e agregar-se em torno das causas ambientais pautadas. É preciso lembrar que os *cibermovimentos* ambientalistas, como toda a ação local, tem o condão de produzir impacto global. Nessa ótica, pessoas de todo o planeta podem ajudar nas campanhas e nas ações encabeçadas pelo *Greenpeace* tornando-se potenciais agentes que, com uma simples assinatura na petição, fazem, em tempo real, pressão sobre os Estados e sobre as

³⁴ Centro de Convivência Estudantil do campus da UFSC.

Organizações Internacionais. Apesar da petição não ser um dispositivo que surta consequências legais diretas, têm seu apelo na convicção de que o apoio público a uma causa pode demarcar a sua importância social e coletiva, constituindo-se em um recurso valioso para chamar a atenção para decisões políticas, de modo a corroborar com uma causa e reivindicar mudanças.

O *Ciberativismo* ambiental na medida em que adota um paradigma intertemporal em relação ao meio ambiente, também milita em tempo real, através da elaboração de campanhas que chamam a atenção para temáticas locais específicas. Isso significa dizer que suas ações vislumbram a natureza a partir de uma perspectiva de devir, de futuro, ao passo que reconhece que “qualquer alteração nos mecanismos básicos do planeta, e do universo, poderá, ao longo do tempo, desfazer um delicado equilíbrio ecológico, trazendo consequências desastrosas” (CASTELLS, 2010, p. 158).


Uma questão aqui fica latente, se a racionalidade instrumental típica da modernidade ocidental não funciona mais, onde encontraremos um padrão de valor e significação que reconfigure equilibradamente esta relação intrínseca entre cultura e natureza?

Surge a partir daí uma produção que é produção de mundos dentro de um leque aberto de possibilidades, para além do antropocentrismo, onde a luta transpassa o apreender as inovações que estão nas reservas indígenas, nos territórios dos quilombolas, nos Pontos de Cultura, nos assentamentos da reforma agrária, nas incubadoras de empresas solidárias, entre outros espaços. Estes deslocamentos estão longe de serem definidos, estáveis e fechados, não são da família da garantia que essa ressignificação possa acontecer sem uma redefinição mais profunda e radical dos próprios alicerces do capitalismo, mas, como acredita Agamben, é nos deslocamentos que se encontra a autêntica revolução. O discurso em *defesa* e respeito à natureza ainda não deixou de ser o produto de uma razão tão instrumental tanto quanto aquele que *destrói* a natureza. Nos dois casos ainda reproduzem o antropocentrismo ocidental e sua transcendência. “O “respeito” da natureza ‘natural’ acaba opondo-a as políticas sociais. O humanismo se desvela pelo que é: um anti-humanismo” (COCCO, 2012, p.25). Porém, as atividades predatórias da natureza reproduzem um direito de dominação de tudo que *não é humano*, ou dos que *não tem alma* ou não merecem viver, os diferentes (animais, índios, judeus, negros, ciganos etc). A luta aqui parece ser desconstruir os indicadores tradicionais de

reconhecimento social e econômico, desnaturalizar seus recursos para afirmá-los a partir de um hibridismo entre cultura e natureza.

Outra forma de participação política passou a figurar mais ativamente no cenário das mobilizações em rede virtual nos últimos anos, visto por uns como protesto político e por outros como *cibercrimes*. O ativismo *hacker*, ou *hacktivismo* é uma forma peculiar de *ciberativismo* que ganhou múltiplas expressões e o coletivo *Anonymus*, provavelmente é o que vem causando maior alarde entre as autoridades e inspirando leis cada vez mais restritivas e criminalizantes quanto à prática do *hacking*. A operação empreendida por eles, conhecida como *Megaupload*, em janeiro de 2012 tirou do ar os sites da Casa Branca, do Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América e do FBI, constituindo a maior e mais abrangente ação do gênero que se tem notícia desde sua popularização.

Figura 14 – Postagem do Coletivo *Anonymus*


9/7/2013	 <p>Saudações! Em virtude das diferentes páginas Anonymous que foram e ainda estão sendo criadas ao redor do Brasil resolvemos abrir este espaço no site para que todas tenham seus links adicionados. Isto vai facilitar a localização e ajudar na interatividade entre os Anons da sua cidade.</p>
----------	---

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência

A máxima repetida à exaustão, de que adentramos na *era da informação* possibilitada e ampliada pelo ciberespaço é tema recorrente entre os *hacktivistas* e defensores da cultura livre que lutam contra o que chamam de *capitalismo cognitivo* (BELISÁRIO & TARIN, 2011, p.127)³⁵. Entre eles esta um grupo bastante atuante na página virtual Resistência, o *Movimento Estudantil Libertário*.

³⁵ A característica principal do capitalismo cognitivo é ser um modo de produção baseado na comunicação social, é ela que alimenta a chamada economia do

Figura 15 – Postagens Movimento Estudantil Libertário

<p>14/6/2012</p>	<p>Pessoal, queria convidar vocês pra uma discussão sobre a construção de um movimento estudantil libertário em Floripa! Estamos chamando para uma atividade com o pessoal da UFSC, UDESC e seria massa vocês do Aplicação participar também.</p> 
------------------	---

Fonte: Página virtual do Grêmio Resistência

São muitos os interesses envolvendo a cultura livre, por um lado existem as práticas de redes cooperativas de livre circulação de conhecimento e cultura que buscam a valorização e organização autônomas, por outro há uma inflexão corporativa deste conceito que apresenta o *trabalho livre* como *improdutivo*. Ou seja, uma estratégia de mobilização de uma multidão de pessoas que investem seu tempo de vida produzindo gratuitamente conteúdos e relações que posteriormente serão apropriados e vendidos por empresas e novos intermediários privados.

Numa perspectiva crítica às instâncias que identificam o *hacktivismo* como prática improdutivo, segundo a qual os *hackers* são parasitas que roubam a riqueza legítima de outros, os *libertários* trazem visões dissonantes e assumem o *hacktivismo* como prática positiva e produtiva, considerando-a como o compartilhamento fora dos limites

conhecimento, que orienta seus ganhos no aspecto cognitivo do trabalho, o que obviamente provoca profundas alterações nos papéis, nos processos e no modo de produção econômica.

legais, mas principalmente como criação de espaços de liberdade e cooperação.

Neste ponto é que a utopia pirata se reaviva. Ela não tem partido, não tem hierarquia, líderes, fronteiras, não se baliza nas instituições baseadas no medo e no controle. Por ser tão livre, sequer tem representantes. No máximo, porta-vozes. É portador do interesse coletivo quem espelha as reais necessidades e aspirações dos demais. Por ser tão livre, se associa facilmente com outras utopias libertárias (MACHADO, 2012, p.37).

Os *hacktivistas e libertários* entendem que a cultura livre não é realizada apenas com licenças livres, mas com a democratização radical dos meios de comunicação/produção e a contínua radicalização democrática das novas formas de entender a cooperação e a apropriação da tecnologia, da cultura e do conhecimento.

O papel do conhecimento no capitalismo contemporâneo tem sofrido muitas alterações, se a modernidade industrial foi baseada no uso intensivo do conhecimento para a produção de bens, no regime de acumulação e transbordamento da contemporaneidade o uso do conhecimento se dá mais para produzir outros conhecimentos, ou, como uma produção de conhecimento por meio de conhecimento. O cerne desta reflexão diz respeito ao conhecimento como o recurso chave da produção contemporânea, de onde derivam duas importantes linhas de reflexão:

A da “crise do valor” e a dos esforços de *framing*, de construção de um novo horizonte de valoração. Por um lado, precisamos lidar com o desaparecimento da métrica vigente (aquela do paradigma industrial, da produção de mercadorias por meio de conhecimento). Por outro, trata-se de apreender as condições nas quais se define um marco (*frame*), uma nova unidade de medida adequada ao paradigma da produção de conhecimento por meio de conhecimento (COCCO, 2012, p.10).

As análises de Jeff Howe (2009) mostram como não podemos confiar no determinismo da técnica como portadora de emancipação, acredita que essas práticas emergentes entre pares, paradoxalmente, salvam e colocam em crise o sistema capitalista, e a produção colaborativa nas redes pode levar a um desaparecimento da lógica capitalista de acumulação. O autor aponta a base dessa nova condição como o *movimento da cultura livre*, ou seja, a produção que tem como base as comunidades de trabalho colaborativo, mais criativas do que as corporações: “o trabalho pode ser muitas vezes mais eficientemente organizado no contexto de uma comunidade do que em um contexto de uma corporação” (HOWE, 2009, p.8).

Para os apologeticos californianos da *web*, tudo isso se transforma na mais nova forma de negócio: “O *crowdsourcing* capitaliza a partir da natureza profundamente social da espécie humana”. Para os libertários, “a motivação afetiva (dos trabalhadores das comunidades) ultrapassa em produtividade as motivações de origem coercitiva” (HOWE, p.14). Mas, todos concordam que a transformação não é linear nem determinista, ao contrário, ela implica uma dimensão política, em particular no que diz respeito à questão da propriedade, por um lado, e o reconhecimento da dimensão produtiva de todo o tempo de vida que esse tipo de trabalho mobiliza, pelo outro. Opta-se pela perspectiva do *realismo virtual* de Heim (1999, p. 41), não se espera alcançar uma *utopia*³⁶ *digitalista*, que prega que o ciberespaço iria naturalmente acabar com a exploração e a desigualdade, trazendo melhores condições de vida para todos. Tampouco se adota uma postura *tecnofóbica*, que encara o mundo virtual como algo ruim em si. Acredita-se sim numa adaptação do capitalismo aos reflexos do ciberespaço, deste modo, não são as tecnologias por si que irão alterar o contexto político, mas suas apropriações e principalmente seu aspecto coletivo e transversal.

Neste contexto, o grêmio estudantil conectado amplia as possibilidades de interação, contribui na transposição das barreiras físicas e temporais, uma vez que permite a redução dos custos de participação e possibilita a formação de práticas capazes de estimular a participação nas questões políticas da esfera pública dos estudantes (principalmente do ensino médio e universitário), podendo tornar o processo mais aberto para consultas, debates, deliberações, acompanhamento e acesso às informações. Pode ser compreendido como uma esfera pública repleta de recursos e oportunidades que

³⁶ Utopia no sentido de alcançar um modo de vida perfeito.

proporcionam o diálogo, o debate de opiniões e contribuições nas decisões políticas por meio de ações individuais/ coletivas. Uma participação efetiva no debate público deliberativo, que torna viável a elaboração de projetos coletivos que reivindicam a participação política e o acesso a decisões de bem comum a uma parte maior da população. O cidadão cibernético aparece como um ponto de conexão em uma rede, as ações *ciberativistas* assim podem ser resumidas em iniciativas de conscientização e apoio, difusão de informações e eventos. É possível pensar na internet enquanto uma rede rizomática virtual de deliberação e convocação cívica, potencializando as representações sociais e simbólicas de luta, convocando a participação física em eventos e fomentando debates virtuais.

Conclusões Provisórias

Querer o acontecimento é tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento.

Deleuze, *Lógica do Sentido*, 1982.

Este trabalho de pesquisa definiu como objeto de estudo o *ciberativismo* em suas interconexões com o Grêmio Estudantil em rede, a partir da análise das postagens presentes na página virtual do Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação da UFSC denominada *Resistência*. Os dados coletados permitem que se efetuem apontamentos sobre as redes de movimentos sociais contemporâneos e as possibilidades comunicativas da internet de onde é possível destacar três elementos que possibilitam uma rápida agregação a página virtual do Grêmio Resistência não somente por alunos do CA, mas também de um grande número de universitários, ciberativistas e visitantes em geral: a autonomia proclamada, a espontaneidade nas discussões e principalmente o baixo grau de diferenciação tanto horizontal quanto verticalmente. Porém estas mesmas características que agregam podem acarretar numa descontinuidade de suas ações enquanto organização estudantil. Como nos movimentos sociais que interagem com o Grêmio Resistência através de sua página virtual estas mesmas características citadas acima podem limitar suas ações políticas, porque a ausência de liderança e de organizações pautadas em objetivos mais claros e definidos pode provocar uma diluição do movimento entre seus múltiplos interesses. E nas análises das propostas e apresentações da Chapa que compõe o Grêmio Resistência percebe-se que a busca por voz em um estado que se quer democrático e sem hierarquia institucionalizada é o tema central, como um eco de discursos que se apresentam recorrentes nos movimentos sociais contemporâneos, onde é eliminada a centralidade do sujeito pré-determinado aproximando-se mais de um coletivo difuso e não hierarquizado, baseado na solidariedade mútua com ações que buscam uma transformação mais focada em diálogos com a sociedade do que em disputas de poder.

Neste contexto, o ciberespaço amplia as possibilidades de interação entre a esfera pública e privada, contribui na transposição das barreiras físicas e temporais, uma vez que permite a redução dos custos de participação e possibilitam a formação de práticas capazes de estimular a participação nas questões políticas da esfera pública dos

estudantes (principalmente do ensino médio e universitário), podendo tornar o processo mais aberto para consultas, debates, deliberações, acompanhamento e acesso às informações. Pode ser compreendido como uma esfera pública repleta de recursos e oportunidades que proporcionam o diálogo, o debate de opiniões e contribuições nas decisões políticas por meio de ações individuais/ coletivas. Uma participação efetiva no debate público deliberativo, que torna viável a elaboração de projetos coletivos que reivindicam a participação política e o acesso a decisões de bem comum a uma parte maior da população. O cidadão cibernético aparece como um ponto de conexão em uma rede, as ações *ciberativistas* assim podem ser resumidas em iniciativas de conscientização e apoio, difusão de informações e eventos. É possível pensar na internet enquanto uma rede rizomática virtual de deliberação e convocação cívica, potencializando as representações sociais e simbólicas de luta, convocando a participação física em eventos e fomentando debates virtuais.

O Grêmio Estudantil *Resistência* se caracteriza como um espaço de luta estudantil nos mais variados níveis e apesar de não poder ser caracterizado como um movimento social em si, atua como um coletivo de estudantes que aglutina o discurso estudantil e faz ecoar suas questões, torna possível que se possa sim percebê-lo como um possível movimento reivindicativo, característica que potencializa a importância da comunicação em suas práticas. Há que se considerar que o grêmio estudantil não é a expressão cabal do movimento estudantil, mas é uma área de deslocamento de uma rede que partilha da cultura desse movimento. Assim sendo, o Grêmio Estudantil *Resistência*, com as possibilidades de se interconectar em rede virtual com atores diversos, estes sim oriundos de movimentos sociais, se torna um lugar concreto de prática social e o ciberespaço enquanto arena relacional se torna lugar profícuo para os estudantes exercitarem experiências referentes à atuação social e política e pode funcionar como local potencializador e possibilitador de experiências participativas de largo alcance. Esse tipo de interação tende a dinamizar as relações entre os estudantes. Através das análises empreendidas nesta pesquisa podemos inferir que a participação vivida pelos estudantes no Grêmio Estudantil em escala virtual pode contribuir com experiências ímpares e diversas, o confronto entre opiniões divergentes são realizadas com mais facilidade (principalmente por aqueles alunos que tem dificuldades para expor suas opiniões em esferas presenciais), levam a uma participação maior nas discussões, resolução de problemas e proposição de soluções

e até mesmo o exercício do pensar e discutir questões sociais mais ampliadas.

O Grêmio Estudantil e os *cibermovimentos* atuam juntos em várias instâncias efetuando ações simbólicas através de organizações descentralizadas e a internet parece ser a principal facilitadora nestes processos de interconexões. Os dados coletados permitem que se efetuem apontamentos sobre as redes de movimentos sociais contemporâneos e as possibilidades comunicativas da internet, sugerindo que a união destes dois fatores facilita os encontros e as interpenetrações entre o *ciberativismo* e os estudantes do CA que participam de sua página virtual e possibilitam reflexões ampliadas sobre conceitos como democracia e participação pública. De acordo com o que Melucci aponta como o “vínculo entre as mobilizações coletivas visíveis e as formas menos evidentes de ação que realizam os indivíduos em suas múltiplas esferas” (1999, p.9).

Observa-se na página do Grêmio Estudantil *Resistência* a participação ativa de vários movimentos sociais, organizações e associações estudantis de cunho local e global que possuem diversos objetivos e atuam de maneiras diferentes, mas estão unidos em torno de uma causa em comum que é a luta pelos direitos das minorias. Assim, uma atuação veemente por parte dos *ciberativistas* torna-se de extrema importância para alavancar as temáticas que serão discutidas na esfera pública e no espaço midiático, onde alcançam publicidade e grande visibilidade, um caminho que muitas vezes conduz ao poder legislativo. A forma de comunicação em rede descentralizada contribuiu também para formação de uma rede de simpatizantes e apoio que se manifestam virtualmente de diferentes formas e em diferentes espaços. Existe uma força nesta diversidade que se manifesta de forma efêmera, pois é difícil prevê-la e desarticulá-la, os nômades inventaram uma máquina de guerra contra o aparelho de Estado, “nunca a história compreendeu o nomadismo”.

O *ciberativismo* é e será uma ferramenta cada vez mais essencial na mobilização e propagação de informações e discursos bem como de convocação, reforçando a conexão das redes virtuais como a base para ações de maior repercussão social. Os educandos que participam e acompanham tais processos seja por meio do grêmio estudantil conectado a internet ou mesmo pelas redes sociais virtuais apresentam potencialmente maiores probabilidades de exercerem sua cidadania, reivindicando e disputando maiores espaços de participação e representação política. Concluindo-se assim que todos os atores

coletivos organizados, possuindo ou não projetos políticos, ao reivindicarem seus direitos a participação política e ao exercício de sua cidadania, indubitavelmente geram implicações na democracia de seus respectivos países. Porém, no caso do *ciberativismo* as adesões às causas em luta não são controladas por quem as promove. Elas podem partir de um núcleo central, mas podem atingir espaços e instâncias das mais diversas e não previstas. Essa difusão rápida pode ser positiva em termos de repercussão, mas pode não ser suficiente para sustentar os processos de mudanças estruturais numa sociedade complexa.

Não se percebe aqui uma capacidade do ciberespaço de, isoladamente, resolver os problemas que inquietam os processos democráticos contemporâneos, mas, embora não seja essencialmente um instrumento arrasador, com um extremado poder de transformação ou democratização, como “uma entrada forçada pela porta de um novo mundo” (AGAMBEN, 2006), permite a organização e a proliferação de mobilizações de rua em várias partes do mundo, circulação de manifestos, protestos, depoimentos, imagens e petições através dos correios eletrônicos e redes sociais virtuais. E é justamente nessa ligeira diferença, nesse mínimo deslocamento, onde tudo se encontra um pouco fora do lugar é que talvez resida a autêntica revolução e suas resistências.

Referências

- ABREU FILHO, O. **Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. [online]. 1998, vol.4, n.2, pp. 143-146. ISSN 0104-9313. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131998000200008>.
- AGAMBEN, G. **Movimento**. Revista Internacional Interdisciplinar *Inthertesis*, v.3, n.1 Jan.Jun 2006. Trad. Selvino José Assmann.
- ALCANTARA, L. M; D´ANDRÉA, C. F. B. **Redes de movimentos Sociais e Intervenção na Esfera Pública Interconectada: Um Estudo da Campanha pelo Limite da Terra na Internet**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 13, n. 37.
- ALEXANDER, J. C. **Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V. 13, n. 37, p. 05-30, 1998.
- ALVAREZ, S. E. **Um Outro Mundo (Também Feminista...) É Possível: Construindo Espaços Transnacionais e Alternativas Globais a Partir dos Movimentos**. In: Revista de Estudos Feministas, vol.11, n.2, Florianópolis, 2003.
- ALVES, G. **Ocupar Wall Street... E depois?** In OCCUPY. Movimentos de Protesto que Tomaram as Ruas. São Paulo, Ed: Boitempo, 2012.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Trad: Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. 11ª Edição. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2010.
- _____. **Origens do Totalitarismo**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.
- ASSANGE, J. **Cypherpunks**. São Paulo, Ed. Boitempo, 2013.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: Um Autor Lírico no Auge da Modernidade**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- _____. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BESÁRIO, A. & TARIN, B. :(){ Copyfight :/: Pirataria & Cultura Livre };:. Editorial azougue.

BRAGA FERNANDES, M. **Tomando Gato Por Lebre**: Observações sobre a Paradoxal Transição da Relação entre Estado e Sociedade Civil para as Relações entre Governo e Redes de Pessoas. 36º Encontro Anual da ANPOCS. GT04 – Controles Democráticos e Legitimidade. 3ª Sessão: Instituições Participativas, Movimentos Sociais, Legitimidade e Representação. São Paulo, 2012.

BOHMAN, J. **Deliberação Pública**: Pluralismo, Complexidade e Democracia. MIT Press, EUA, 2000.

BUARQUE, C. **Não Caiu a Ficha, por Cristovam Buarque**. Jornal eletrônico O Globo. Jun/2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/06/29/nao-caiu-ficha-por-cristovam-buarque-501654.asp>

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
 _____ **Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
 _____ **A Galáxia da Internet**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO, E. V. **Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio**. 1996, vol.2, n.2. ISSN 0104-9313.
<http://dx.doi.org/10.1590/S010493131996000200005>.
 _____ **A inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
 _____ **Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca**. Novos Estudos, n 77. São Paulo, 2007.

CEBRIÁN, J. L. **A rede**. São Paulo. Ed. Summus, 1999.

COCCO, G. **Mundobraz**: O Devir-Brasil do Mundo e o Devir-Mundo do Brasil. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2009.

DIE ZEIT /R7. **Copa das Confederações 2013**. Jornal eletrônico. 25/JUN/2013. Ed. *Zeitverlag Gerd Bucerius*. Disponível em: <http://esportes.r7.com/futebol/copa-das-confederacoes-2013/obrigado-brasil-diz-jornal-alemao-depois-de-manifestacoes-contra-a-fifa-25062013> .

DELEUZE, G. **Empirismo e Subjetividade**: Ensaio sobre a Natureza Humana Segundo Hume. Tradução de Luiz. L. Orlandi. São Paulo: 34, 2001.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. 96p.

EGLER, T. **Redes Tecnossociais e Democratização das Políticas Públicas**. Sociologias, Porto Alegre, nº 23, 2010.

EVANGELISTA, F. **Protestos**: Riscos e Desafios. 2013. Disponível em: <http://www.notaderodape.com.br/2013/06/protestos-riscos-e-desafios.html>

FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO (FARJ). Disponível em: <http://anarkismo.net/article/25717>

FERGUSON, M. **Estratégias de Governo Eletrônico**: o cenário internacional em movimento. In: EISENBERG, J; CEPIK, M. Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002.

FIGUEIREDO, G. G. **Vamos ao Baile**: Gingas da Comunicação e da Participação no Zapatismo. Lua Nova, São Paulo, nº 072, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. trad. Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2010.

_____. **Introdução à Vida não Fascista**. Prefácio. In: Anti-Édipo. Gilles Deleuze e Félix Guattari. Trad. Durand Bogaert. Nova York. Ed. Viking Press, 1977.

_____. **Segurança, Território e População**. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2008.

GALLOWAY, A. **Protocolo**: Como o controle existe após a descentralização. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2004.

GOHN, M. G. **Teoria dos Movimentos Sociais**: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

GLUSBERG, J. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva. 1997/2007.

GREENPEACE. **Site oficial**, 2012. Disponível em: <<http://www.greenpeace.org/brasil/>>. Acesso: 23 de abril de 2013.

GUATTARI, F. **Psicoanálise e Transversalidade**. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 1976.

GUIDI, L. **Democracia Eletrônica em Bolonha**: a rede Iperbole e a construção de uma comunidade participativa on-line. In: EISENBERG, J; CEPIK, M. (ed.). Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002.

GUTIERREZ, B. **Esboços de uma Democracia Digital**. Revista Digital Outras Palavras, 2012. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/esbocos-de-uma-democracia-digital/>

GUTMANN, A; THOMPSON, D. **Por Que Democracia Deliberativa?** Princeton University Press, EUA, 2009.

HABERMAS, J. **Teoria da Ação Comunicativa**: Complementos e Estudos Prévios. Madri: Catedra, 1997.

HABERMAS, J. **O Papel da Sociedade Civil e da Esfera Pública Política**. In: Direito e Democracia - entre faticidade e validade. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileira, 1997.

HANNIGAN, J. **Sociologia ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HEIM, M. **A Dialética do Ciberespaço**. In: A Dialética Digital. Novos Ensaios sobre Novas Mídias. Cambridge, Mit Press, 1999.

HOWE, J. **Crowdsourcing: Por Que o Poder da Multidão é Dirigir o Futuro dos Negócios**. Three River Press, Nova Iorque, 2009.

KARPIK, L. **O Mercado das Singularidades**. Ed Gallimard, Paris, 2007 (373p.).

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. SP: Ed. 34, 1994.

LEFF, E. **Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LEMOS, A. **Nova Esfera Convercional**. In: *Esfera Pública, Redes e Jornalismo*. Rio de Janeiro: Ed. E-Papers, 2009.

LUDD, M. **A Guerra da Tarifa**. Disponível em: http://www.laquestionsociale.org/LQS/LQS_3/por_QS3_guerretransport.pdf

MAIA, R. C. M. **Redes Cívicas e Internet: Efeitos Democráticos do Associativismo**. Revista Aurora, n. 2, 2008.

MAFFESOLI, M. **Saturação**. São Paulo: Ed. Iluminura, 2010.

MANOVICH, L. **Software takes command**. Nov. 2008. Disponível em: <http://lab.softwarestudies.com/2008/11/softbook.html>>. Acesso em: 7 dez. 2011.

MANSBRIDGE . **A Conversação Cotidiana no Sistema Político**. In: MARQUES, A. (org). *A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MARIASCH, T, L. **Re-Inventando a Vida: Da “Solidariedade por decreto” à “Solidariedade por convivência”** . Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia / Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares em Comunidades e Ecologia Social, 2004.

MARQUES, F. P. J. A. **Debates Políticos na Internet: A Perspectiva da Conversação Civil**. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 164-187.

MACLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Ed. Pensamento Cultrix, 1996.

MELUCCI, A. **Um Objetivo para os Movimentos Sociais?** *Lua Nova*, Jun 1989, n.17, p.49-66. ISSN 0102-6445.

_____. **Ainda Movimentos Sociais:** Uma Entrevista com Alberto Melucci. *Novos estudos CEBRAP*, n. 40, 1994.

_____. **Ação Coletiva, Vida Cotidiana e Democracia.** Pedregal de Santa Tereza: Centro de Estudos Sociológicos, 1999.

_____. **A Invenção do Presente.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MINELLA, L. S. **Papéis Sexuais e Hierarquias de Gênero na História Social sobre Infância no Brasil.** *Cadernos Pagú*. N.26. 2006. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30395.pdf> >. Acesso: 06/03/2013.

MORAES, D. **O Concreto e o Virtual**. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 2001.

MPL. Site Movimento Passe Livre. Disponível em: <http://mplfloripa.wordpress.com/> . Acesso: 23/05/2013

NEGRI, A. **A Anomalia Selvagem**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

OLIVEIRA, R. S. **AMBIENTALISMO.COM:** A Atuação do Movimento Ambientalista Diante das Novas Mídias Digitais – Uma Análise a partir das Campanhas do Greenpeace e Avaaz. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*. Disponível em: www.ufsm.br/redevistadireito. Acesso: 10/04/2013.

ORWELL, G. **1984**. 17ªed. São Paulo, Ed. Nacional, 1984.

PASSE LIVRE. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In *Cidades Rebeldes*, 2013. Organização Boitempo Editorial e Carta Maior, São Paulo.

PAIS CORREIA, P. L. L. **Arte e Tecnologia:** Estratégias de Subversão e Transgressão. Dissertação apresentada a Universidade de Aveiro Departamento de Comunicação e Arte 2010.

PENTEADO, C. L. S; ARAÚJO, R. P. A; SANTOS, M. B. P.
Sociedade Civil e Políticas Públicas: O Uso da Internet pela Rede
 Nossa São Paulo na Articulação Política. 36º Encontro Anual Da
 Anpocs. GT 01 – Ciberpolítica, Ciberativismo E Cibercultura.

PESCHANSKI, J. A. **Os “Ocuppas” e a Desigualdade Econômica.** In
 OCCUPY. Movimentos de Protesto que Tomaram as Ruas. São Paulo,
 Ed: Boitempo, 2012.

PICOLOTTO, E. L. **Movimentos Sociais:** Abordagens Clássicas e
 Contemporâneas. Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano I. Ed.2.
 Nov.2007.

PROUDHON, P. **Qu’est-ce que La Propriété.** Paris, A. Lacroix, 1873.
 In: Coleção Grandes Cientistas Sociais. Trad. Célia Gambini e Eunice
 Ornelas. Org. Paulo Edgar A. Resende e Edson Passetti.

POISSANT, L. **Ser e Fazer Sobre a Tela.** In: DOMINGUES, D (Org.).
 A Arte e Vida no Século XXI. Tecnologia, Ciência e Criatividade São
 Paulo, UNESP, 2003.

RIFIOTIS, T; MÁXIMO, M. E. **Antropologia do Ciberespaço.** Ed:
 UFSC. Florianópolis, 2010.

RIVIÈRE, P. **AAE na Amazônia.** Revista de Antropologia. 1995, n.38,
 ano I. <http://www.jstor.org/stable/41616159>. Disponível em:
 08/01/2014.

ROLNIK, S. **Uma Insólita Viagem à Subjetividade.**
 Fronteiras com a Ética e a Cultura. Disponível em:
<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagensubjetic.pdf>

SAFATLE, W. **Amar uma Idéia.** In: Occupy. Movimentos Sociais que
 Tomaram as Ruas. São Paulo, Ed: Boitempo, 2012.

_____. **Juventude perdeu o Medo do Capitalismo.** Entrevista
 concedida á Revista Eletrônica Outras Palavras, 2012. Disponível em:
<http://outraspalavras.net/author/vsafatle/>

- SANGIOVANNI, R. **De um a dez sobre os protestos**. 2013. Disponível em: <http://www.notaderodape.com.br/search/label/mist%C3%A9rio%20do%20planeta>
- SANTOS, B. S. **Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade**. Porto, Ed. Afrontamentos, 1994.
- SARTRE, J. P. **L'Existentialisme est un Humanisme**. Paris. Les Éditions Nagel, 1970.
- SAVAZONI, R; MACHADO, M; SILVEIRA, S. A. **As Múltiplas Faces dos Anonymous: Hacking Político nas Redes Digitais**. 36º Encontro Anual da Anpocs. GT01 - Ciberpolítica, Ciberativismo e Cibercultura.
- SCHAUN, A. **Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Revista Brasileira de Comunicação: Arte e Educação. Ano 1, nº 2, jan/mar 1999.
- SCHERER-WARREN, I. 2008. **Redes de Movimentos Sociais na América Latina: Caminhos para uma Política Emancipatória?** Caderno CRH, Salvador, 21, n. 54, p. 505-517, Set./Dez.
- SOARES CARNEIRO, H. **OCCUPY. Movimentos de Protesto que Tomaram as Ruas**. São Paulo, Ed: Boitempo, 2012.
- SOARES, L. E. **Hora Zero no Relógio Popular**. 2013. Disponível em: <http://www.luizeduardosoares.com/?p=1113>
- SOUSA, J. T. P. **Juventude, Contestação e a Política de Pernas para o Ar: O Movimento Passe Livre em Florianópolis**. XXIV Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia. Porto Alegre, Julho de 2005.
- TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ZIZEK, S. **O Violento Silêncio de Um Novo Começo**. In: OCCUPY. Movimentos de Protesto que Tomaram as Ruas. São Paulo, Ed: Boitempo, 2012.